

ISABEL DE OLIVEIRA E SILVA MONGUILHOTT

**VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA
PESSOA DO PLURAL NA FALA DOS FLORIANOPOLITANOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Izete L. Coelho

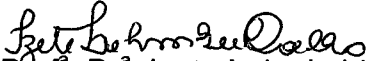
**FLORIANÓPOLIS
2001**

TERMO DE APROVAÇÃO


ISABEL DE OLIVEIRA E SILVA MONGUILHOTT

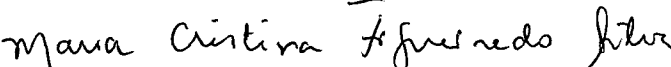
VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA FALA DOS FLORIANOPOLITANOS


Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: 
Prof.^a. Dr.^a. Izete Lehmkuhl Coelho
UFSC


Prof.^a. Dr.^a. Maria Marta Pereira Scherre
UNB


Prof. Dr. Paulino Vandresen
UFSC


Prof.^a. Dr.^a. Maria Cristina Figueiredo Silva
UFSC


Prof.^a. Dr.^a. Edair Maria Görski
UFSC

Florianópolis, 20 de fevereiro de 2001

À professora Izete Lehmkuhl Coelho, minha orientadora, pelo convite em boa hora para estudar a concordância verbal, pela orientação segura e constante em todos os momentos desta pesquisa. Seu apoio, respeito, sua amizade e paciência foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Ao professor Paulino Vandresen por ter aberto as portas do Projeto VARSUL e ser o responsável pelo caminho que venho seguindo.

À professora Edair Görski pela amizade e pelo incentivo prestados desde as aulas da graduação.

Às professoras Maria Marta Pereira Scherre, Maria Cristina Figueiredo Silva e Edair Görski por terem participado da minha Banca de Defesa, pelas sugestões e pelos olhares críticos, fundamentais para o crescimento da pesquisa.

Ao amigos "varsulinos" - Adriana, Alice, Ângela, Carla, Diane, Joana, Juçá, Marisa, Márcio, Marcos, Mariléia, Márluce, Raquel, Simone, Tereza - pelo apoio e convivência amiga.

À Marisa Fernandes pelo auxílio com o Programa Varbrul e pelas sugestões a respeito da análise dos resultados.

À Simone Coelho Sell pela revisão cuidadosa do meu texto.

À Mirza, minha mãe, pelo incentivo, desde muito cedo, ao caminho das letras.

Ao Cris que mesmo longe foi o motivo desta conquista.

À Capes pelo suporte financeiro durante parte do curso.

Agradeço.

SUMÁRIO

LISTAS DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS	v
RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - O FENÔMENO EM ESTUDO	4
1 Delimitação do fenômeno	4
2 Objetivos e hipóteses	12
2.1 Objetivos geral e específicos.....	12
2.1.1 Objetivo geral.....	12
2.1.2 Objetivos específicos.....	12
2.2 Hipóteses gerais.....	12
CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	13
1 A variação paramétrica	13
2 A teoria da variação lingüística	15
3 O modelo de Princípios e Parâmetros	18
3.1 A teoria do Caso.....	22
3.2 A teoria temática.....	23
3.2.1 A hipótese inacusativa.....	25
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
1 Variação morfossintática	32
2 A variável dependente e as variáveis independentes	34
3 A amostra utilizada e a análise quantitativa	36
4 Contextos de restrição	37
CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	40
1 Variáveis lingüísticas	40
1.1 Saliência fônica	40
1.1.1 Caracterização e hipóteses.....	40
1.1.2 Resultados e discussão.....	42
1.2 Posição do sujeito em relação ao verbo	44
1.2.1 Caracterização e hipóteses.....	44
1.2.2 Resultados e discussão.....	46
1.3 Paralelismo formal	47
1.3.1 Caracterização e hipóteses.....	47
1.3.2 Resultados e discussão.....	48

1.4 Traço humano no sujeito	49
1.4.1 Caracterização e hipóteses.....	49
1.4.2 Resultados e discussão.....	49
1.5 Tipo de verbo	50
1.5.1 Caracterização e hipóteses.....	50
1.5.2 Resultados e discussão.....	51
1.6 Tipo de sujeito	54
1.6.1 Caracterização e hipóteses.....	54
1.6.2 Resultados e discussão.....	55
1.7 Material interveniente	57
1.7.1 Caracterização e hipóteses.....	57
1.7.2 Resultados e discussão.....	58
2 Variáveis sociais	59
2.1 Escolaridade	59
2.1.1 Caracterização e hipóteses.....	59
2.1.2 Resultados e discussão.....	59
2.2 Idade	60
2.2.1 Caracterização e hipóteses.....	60
2.2.2 Resultados e discussão.....	60
2.3 Sexo	62
2.3.1 Caracterização e hipóteses.....	62
2.3.2 Resultados e discussão.....	62
3 Conclusões parciais	65
CAPÍTULO V - ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS NOSSOS RESULTADOS E OS DE SCHERRE E NARO	68
1 Variáveis lingüísticas	68
1.1 Saliência fônica	69
1.2 Posição do sujeito em relação ao verbo	72
1.3 Paralelismo formal	73
1.4 Traço humano no sujeito	76
2 Variáveis sociais	77
2.1 Escolaridade	77
2.2 Idade	78
2.3 Sexo	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
ANEXOS	94

LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

QUADROS

Quadro 1: Distribuição dos informantes de acordo com as células sociais	36
--------------------------------------------------------------------------------	----

TABELAS

Tabela 1: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores saliência fônica.....	42
Tabela 2: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores saliência fônica e escolaridade.....	44
Tabela 3: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores posição do sujeito em relação ao verbo.....	46
Tabela 4: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores paralelismo formal.....	48
Tabela 5: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores traço humano no sujeito.....	49
Tabela 6: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores posição do sujeito em relação ao verbo e traço humano no sujeito.....	50
Tabela 7: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores tipo de verbo.....	52
Tabela 8: Freqüência de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores tipo de verbo e saliência fônica.....	53
Tabela 9: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre a posição do sujeito em relação ao verbo, traço humano no sujeito e tipo de verbo.....	54
Tabela 10: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores tipo de sujeito.....	56
Tabela 11: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores posição do sujeito em relação ao verbo e tipo de sujeito.....	56
Tabela 12: Freqüência de concordância verbal, segundo o grupo de fatores material interveniente.....	58
Tabela 13: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores escolaridade.....	60
Tabela 14: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores idade.....	61
Tabela 15: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores escolaridade e idade.....	61
Tabela 16: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores sexo.....	63

Tabela 17: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores sexo e idade.....	63
Tabela 18: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores sexo e escolaridade.....	64
Tabela 19: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo os grupos de fatores lingüísticos.....	66
Tabela 20: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo os grupos de fatores sociais.....	67
Tabela 21: Ocupação no mercado de trabalho dos informantes com 4 anos de escolarização.....	95
Tabela 22: Ocupação no mercado de trabalho dos informantes com 11 anos de escolarização.....	95
Tabela 23: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores saliência fônica.....	96
Tabela 24: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores saliência fônica e escolaridade (com informantes de 1 a 4 anos de escolarização)	96
Tabela 25: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores saliência fônica e escolaridade (com informantes de 9 a 11 anos de escolarização)	97
Tabela 26: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores posição do sujeito em relação ao verbo.....	97
Tabela 27: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1993), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores paralelismo formal.....	98
Tabela 28: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1993), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores traço humano no sujeito.....	98
Tabela 29: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores escolaridade.....	99
Tabela 30: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores idade.....	99
Tabela 31: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores sexo.....	99

GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição geral dos dados.....	37
Gráfico 2: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores saliência fônica.....	69
Gráfico 3: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores saliência fônica e escolaridade (com informantes de 1 a 4 anos de escolarização).....	70
Gráfico 4: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores saliência fônica e escolaridade (com informantes de 9 a 11 anos de escolarização).....	71
Gráfico 5: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a freqüência de concordância verbal, segundo o grupo de fatores posição do sujeito em relação ao verbo.....	73
Gráfico 6: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1993), levando em conta a freqüência de concordância verbal, segundo o grupo de fatores paralelismo formal.....	75
Gráfico 7: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1998), levando em conta a probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores traço humano no sujeito	76
Gráfico 8: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores escolaridade.....	78
Gráfico 9: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores idade.....	79
Gráfico 10: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores sexo.....	80

RESUMO

Nesta pesquisa, investigamos a variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos. Pautando-nos no quadro teórico da sociolingüística paramétrica, analisamos grupos de fatores que condicionam o fenômeno em questão numa amostra de vinte e quatro entrevistas que fazem parte do Banco de Dados VARSUL. A partir dos resultados obtidos na análise quantitativa, verificamos que a variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural está condicionada tanto por fatores lingüísticos, como sociais, sendo que os grupos de fatores lingüísticos mostraram-se os mais significativos. Os resultados apontam para um quadro de variação estável, não havendo, portanto, indícios de mudança em tempo aparente.

ABSTRACT

This research investigates variation in verb agreement for third person plural in the variant of Portuguese spoken in Florianópolis, Santa Catarina, Brazil. Within the theoretic framework of parametric sociolinguistics, the work analyses the groups of factors that influence the phenomenon under study. The sample consisted of twenty-four interviews from the VARSUL project databank. Results of the quantitative analysis show that variation in verb agreement for third person plural is conditioned both by social and linguistic factors, with a stronger influence of the latter. Results also indicate a stable variation pattern, without any signs of change in apparent time.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista que a concordância verbal constitui-se em uma regra variável, bastante recorrente no Português do Brasil (cf. Lemle e Naro, 1977; Naro, 1981; Rodrigues, 1987; Scherre e Naro, 1991, 1992, 1993, 1995, 1997, 1998; Graciosa, 1991; Naro e Scherre, 1994, 1995, 1999, 2000; Loregian, 1996) e, sabendo-se, ainda, que o estudo a ser focalizado, a concordância verbal de terceira pessoa do plural, nunca foi realizado com dados da fala da Região Sul, faz-se necessária uma investigação para que se possa verificar o comportamento lingüístico de informantes representativos da fala sulista, no que se refere aos condicionadores de marcas de concordância no verbo, contribuindo, desta forma, para a descrição do português falado na Região Sul.

Este estudo se insere no quadro teórico da sociolingüística paramétrica (cf. Tarallo e Kato, 1989). Nesta perspectiva tenta-se explicar uma variação interna ao Português Brasileiro (doravante PB), conciliando os pressupostos metodológicos da teoria da variação lingüística (cf. Labov, 1972) com o modelo de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky, 1981; 1986). O quadro teórico permite a junção destas abordagens, pois acredita-se que o modelo de Princípios e Parâmetros e a metodologia laboviana, como defendem Tarallo e Kato (1989), são complementares e não antagônicos.

Nosso foco de interesse consiste nos parâmetrosⁱ variáveis na Gramática Universalⁱⁱ (doravante GU), vistos como “o espaço da mudança lingüística” (cf. Miotto *et al.*, 1999, p.37), pressuposto do modelo sintático paramétrico que dá conta da diversidade das línguas existentes. Nossa investigação tratará de parâmetros intralingüísticos, já que nossa atenção está voltada às diferenças existentes dentro de uma mesma língua.

ⁱ Parâmetros são definidos por Tarallo (1987, p.53) “como conjuntos de propriedades diferenciadoras de sistemas lingüísticos diversos”.

ⁱⁱ De acordo com a concepção chomskiana, Gramática Universal é entendida como “um conjunto de propriedades inatas, biologicamente determinadas, de natureza especificamente lingüística” (cf. Raposo, 1992, p.16).

Algumas das hipóteses que permearão nosso trabalho foram levantadas a partir do modelo teórico adotado, e outras partiram de resultados obtidos em estudos que investigaram a concordância verbal em outras regiões do Brasil. O aparato teórico nos auxiliará também, assim como os estudos já realizados na área, na discussão dos resultados, momento em que evidenciaremos em que medida o modelo teórico adotado consegue explicar o fenômeno em questão.

Para a realização desta pesquisa, utilizamos dados referentes ao *corpus* da região urbana de Florianópolis, pertencente ao Banco de Dados do Projeto Interinstitucional Variação Lingüística Urbana na Região Sul (VARSUL). Analisamos entrevistas de vinte e quatro informantes da cidade de Florianópolis, de origem açoriana, estratificados de acordo com as variáveis sociais: sexo, idade (15 a 24 anos, 25 a 45 anos e 52 a 76 anos) e escolaridade (4 anos de escolarização e 11 anos de escolarização).

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos. No primeiro, apresentaremos alguns estudos que motivaram a investigação do fenômeno da concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala florianopolitana. Apresentaremos, também, os objetivos e as hipóteses gerais que permeiam nossa pesquisa.

No segundo capítulo dedicaremos-nos à fundamentação teórico-metodológica, que se constitui da discussão dos pressupostos da variação paramétrica, da teoria da variação lingüística e do modelo de Princípios e Parâmetros.

No terceiro capítulo, daremos ênfase à extensão dos estudos da teoria da variação lingüística à morfossintaxe. Delimitaremos a variável em estudo e salientaremos os grupos de fatores a serem testados. Apresentaremos a amostra selecionada para a pesquisa e o Programa Varbrul (Pintzuk, 1988) utilizado para a obtenção dos resultados estatísticos. Salientaremos, também, alguns contextos de restrição do *corpus* deste estudo.

No quarto capítulo, apresentaremos os resultados da pesquisa. Inicialmente, caracterizaremos e levantaremos as hipóteses específicas para

cada um dos grupos de fatores trabalhados. Em seguida, apresentaremos e discutiremos os resultados obtidos.

No quinto capítulo, compararemos os resultados desta pesquisa com os resultados obtidos por Scherre e Naro. Por fim, salientaremos as contribuições do nosso estudo e indicamos futuras pesquisas a partir dos resultados aqui apresentados.

CAPÍTULO I - O FENÔMENO EM ESTUDO

Neste capítulo inicial, daremos ênfase aos estudos que motivaram a delimitação do objeto da presente pesquisa. Elencaremos, também, os objetivos a que nos propomos e as hipóteses gerais que nortearão nosso estudo.

1 Delimitação do fenômeno

A delimitação do fenômeno em estudo, a concordância verbal de terceira pessoa do plural, teve sua origem nos trabalhos de Lemle e Naro (1977) e Naro e Scherre (1999, 2000, no prelo), Scherre (1995, 1998), Scherre e Naro (1993, 1997, 1998). Para estes autores, a concordância verbal “constitui um fenômeno típico de ser estudado sob uma perspectiva da teoria da variação lingüística: suas variantes ocorrem em contextos semelhantes e apresentam o mesmo valor de verdade (cf. Labov, 1975; Tarallo, 1985)” (Naro e Scherre, no prelo).

A seguir, apresentaremos o estudo realizado por Lemle e Naro (1977) e alguns estudos realizados por Scherre e Naro (1993, 1997, 1998).

Lemle e Naro (1977) analisaram em sua pesquisa os fatores condicionadores do uso da regra variável da concordância verbal na fala de mibralenses do Rio de Janeiro, seguindo a metodologia laboviana. Segundo os autores, a alternância da regra da concordância por um mesmo informante, às vezes na mesma sentença e até com o mesmo verbo, permitiu-lhes tratar a concordância verbal como regra variável.

O *corpus* do trabalho compreendeu sete entrevistas de uma hora de gravação com cada um dos 20 informantes. Foram extraídas todas as ocorrências de verbo com sujeito de terceira pessoa do plural. Os fatores

controlados foram: variável estilística, variável morfológica, variável posicional e variável semântica.

Em relação à variável estilística¹, os autores evidenciam que os resultados encontrados não se mostraram consistentes. De acordo com Lemle e Naro, os mobralenses, no que tange à concordância verbal, não levam em conta o fator formalidade.

No que se refere à variável morfológica, os resultados indicam que o uso da regra pelos informantes relaciona-se diretamente com o grau de saliência fônica entre a forma singular e plural dos verbos. Para a variável posicional, a posição em que o sujeito está imediatamente antes do verbo favoreceu a concordância no verbo, opondo-se à posição em que o sujeito está posposto ao verbo, em que houve maior índice de desfavorecimento da concordância verbal. Os resultados, referentes à variável semântica, apontam para altos índices de concordância verbal quando o sujeito é do tipo indeterminado e para baixos índices quando o sujeito é do tipo determinado. Para os autores, o fato de o sujeito do tipo indeterminado apresentar como único traço relevante do sujeito a pluralidade parece natural ao favorecimento da regra de concordância, em oposição ao sujeito determinado, já que esse reúne outras características além do traço plural.

Lemle e Naro estabelecem uma generalização a respeito das últimas três variáveis apresentadas: a realização da regra de concordância verbal depende do grau de impacto dos efeitos perceptuais com que ela se materializa. Para eles, são os fatores condicionadores que alicerçam a regra de concordância verbal.

Scherre e Naro (1993) apresentam resultados de um estudo da concordância verbo/sujeito numa amostra de 64 falantes cariocas, pertencentes ao *Corpus* Censo do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL).

¹ A variável estilística controlada por Lemle e Naro (1977) consiste nos diferentes estilos de formalidade, prevendo a variação de locais, entrevistadores e atitudes.

A variável presença *versus* ausência da marca formal de plural nos verbos foi observada em relação aos grupos de fatores: (1) paralelismo formal no nível clausal (marcas do sujeito) e (2) paralelismo formal no nível discursivo (marcas do verbo).

Os resultados obtidos em relação ao grupo de fatores (1) apontam para o fato de que, quando o último elemento flexionável do sintagma nominal sujeito apresenta marca explícita de plural, independente de estar ou não inserido em um sintagma preposicional (ex.: **os professores** não perceberam isso), o verbo correspondente tende a exibir também marca explícita de plural (.61 e .56)² e, quando o último elemento do sujeito, inserido ou não em um sintagma preposicional, apresenta um zero plural (ex.: tem **umas pessoa**_∅ que gosta_∅ de...), o verbo correspondente tende a exibir um zero plural (.24 e .17). Quando o último elemento do sujeito é um numeral, que não apresenta marca formal de plural depreensível, a concordância fica numa faixa intermediária, com .34 de peso relativo (ex.: **os dois** trabalham...). Os sujeitos com a última marca neutralizada (ex.: **meus irmãos**+são legal...) apresentam comportamento estatístico semelhante (.58) aos casos que apresentam a marca de plural explícita (.56 e .61).

Em relação ao grupo de fatores (2), os autores verificam que o mesmo efeito detectado no nível clausal se refletiu no nível discursivo: marcas conduzem a marcas, e zeros conduzem a zeros, evidenciando a tendência de formas gramaticais particulares ocorrerem juntas. Os resultados relacionados ao grupo de fatores (2) mostram forte correlação entre o aparecimento de um verbo marcado e a presença de marcas explícitas no verbo subsequente (.66). Scherre e Naro verificam ainda que o surgimento de um verbo não marcado provoca a ausência de marca na ocorrência verbal seguinte (.18). O fato de um dado verbo ocorrer isolado ou ser o primeiro de uma série não provocou aumento ou diminuição de marcas em relação à média global da concordância, com o peso relativo ficando entre os dois extremos (.48).

² Os números referem-se à probabilidade de uso da forma em questão.

Em outro estudo, Scherre e Naro (1997) analisam a concordância verbo/sujeito, dentre outros fenômenos de concordância de número, focalizando as variáveis lingüísticas saliência fônica e posição e também as variáveis sociais sexo, idade e escolaridade, em dados de fala do PEUL, com 4 632 construções de concordância verbal.

Em relação ao grupo de fatores saliência fônica, os autores verificam que a oposição não-acentuada desfavorece a concordância, enquanto a oposição acentuada favorece a concordância independente dos anos de escolarização dos falantes. Entretanto, a diferença entre os anos de escolarização dos falantes é determinante na nitidez da escala da saliência na concordância verbal.

Para o grupo de fatores posição, os resultados de Scherre e Naro apontam para o fato de que, quando o sujeito está em uma posição mais à esquerda e mais próximo do verbo, existe maior probabilidade de favorecimento da ocorrência da variante explícita, enquanto a posição à direita e o distanciamento em relação ao verbo a desfavorecem, independentemente do grau de escolaridade dos falantes.

Dentre os grupos de fatores sociais analisados, os anos de escolarização, assim como o sexo, mostraram-se ser os mais relevantes. A amostra da pesquisa constituiu-se de 64 informantes, sendo 32 do sexo masculino e 32 do sexo feminino, subdivididos de acordo com os seguintes anos de escolarização: 1 a 4; 5 a 8 e 9 a 11 anos. Os autores verificam que os falantes com mais anos de escolaridade e do sexo feminino apresentam maior tendência ao uso da variante explícita. Os resultados revelam as pressões que os falantes sofrem pelo fato de a variante zero ser estigmatizada pelos padrões sociais vigentes (cf. Labov, 1975, 1981; Chambers, J. K., 1995) e também que as mulheres estão mais expostas à correção gramatical, bem como são mais sensíveis às normas de prestígio. A variável faixa etária indicou que as pessoas mais pressionadas pela idade profissionalmente produtiva usam mais as formas prestigiadas.

Scherre e Naro (1998), em seu estudo a respeito das restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português, analisam o efeito do traço humano no sujeito sobre a concordância no português falado e a interação entre o traço de número e o traço humano no controle da concordância em dados do PB escrito na década de 90 e em dados de documentos do português do século XIII ao XVI. Enfatizaremos os dados de fala, que são foco de nosso interesse. A amostra da pesquisa compreende 64 horas de fala de informantes cariocas, pertencentes ao *corpus* do PEUL.

Os autores constataam, através dos resultados estatísticos, que o traço humano exerce influência em dados da fala, em dados da escrita do PB moderno e em dados do português antigo. Em relação à língua falada, Scherre e Naro verificam que o verbo com sujeito [+humano] tende a uma maior concordância com seu sujeito (.53), diferentemente do verbo com sujeito [-humano] que apresenta menor probabilidade de concordância (.29).

Percebemos, através destes estudos, que a concordância verbal consiste em um campo bastante fértil para uma investigação variacionista. Agora vejamos outrás considerações pertinentes para a delimitação do fenômeno.

As gramáticas normativas descrevem o fenômeno da concordância verbal como a circunstância de um verbo variar em número e pessoa de acordo com o seu sujeito. Para Nicola e Infante (1994), por exemplo, "este princípio geral é sistemático, e não apresenta em si motivo para hesitação ou dificuldade." (p.368)

Esta afirmação vem ao encontro do que os seguidores da gramática normativa defendem: existe um conjunto de regras na língua que deve ser seguido, e a concordância verbal é uma das regras que faz parte deste conjunto, uma regra considerada sistemática e por isso "fácil" de ser seguida.

Para os adeptos da gramática normativa, o fato de um indivíduo não "seguir" a regra da concordância verbal constitui-se em "erro", assim sendo, de acordo com essa perspectiva, o objeto de estudo desta dissertação não seria a

variação na concordância verbal, motivada por fatores lingüísticos e extralingüísticos de natureza diversa, mas o erro no uso da regra da concordância verbal.

Conforme Possenti (1996), erro, na concepção da gramática normativa, “é tudo aquilo que foge à variedade que foi eleita como exemplo de boa linguagem.” Possenti faz duas observações em relação a esse conceito de erro, primeiro ressaltando que “os exemplos de boa linguagem são sempre em alguma medida ideais e são sempre buscados num passado mais ou menos distante, sendo, portanto, em boa parte arcaizantes, quando não já arcaicos.” Em seguida, mostra que mesmo nessa “tendência arcaizante registrada nas gramáticas [...] há mudanças de padrão através da história”, evidenciando, portanto, que “não só há variação entre as formas lingüísticas padrões e populares ou regionais, mas há variação também no interior do padrão.” (Possenti, *op. cit.*, p.78)

É interessante observar que nem os gramáticos, nem muitos professores de português seguidores das gramáticas normativas percebem esse fato e, por isso, acabam usando a variação lingüística como instrumento de preconceito, ao invés de fazer dela um conteúdo para enriquecer suas perspectivas teóricas e, em consequência, tornar suas aulas mais próximas da realidade lingüística dos falantes.

Outra contribuição que consideramos relevante para a delimitação do fenômeno em estudo vem de Pontes (1986) e está relacionada à concordância verbal com sintagma nominal (doravante SN) posposto.

Em seu trabalho a autora discute o estatuto de sujeito do SN posposto evidenciando que as duas características superficiais mais marcantes do sujeito em português são a posição (anteposta ao verbo) e a concordância estabelecida entre o SN e o verbo (doravante V). No entanto, existem casos em que o sujeito não apresenta nenhuma dessas características, como em (1) em que o SN **dente** está posposto e não apresenta marcas de concordância.

(1) A Sarinha tá nascendo **dente** (Pontes, *op. cit.*, p.18)

Na verdade, a concordância entre V e o suposto sujeito posposto, de acordo com a autora, é proibida. Para ilustrar temos o exemplo extraído de Pontes (*op. cit.*, p.18), em (2).

(2) *A Sarinha **tão** nascendo **dentes**³

A autora conclui que este SN posposto apresenta, então, características de objeto (posição V SN, [- concordância]). Entretanto, no que diz respeito à cliticização que todo objeto a princípio admite, este SN é de natureza diferente, pois não admite assumir a forma de um pronome acusativo, assemelhando-se nesse caso a um sujeito. Assim sendo, segundo Pontes, de acordo com o argumento da cliticização, embora questionável⁴, o SN posposto não pode ser objeto, como podemos observar em (3).

(3) *A Sarinha nasceu-o

Pontes ressalta em seu livro um teste que realizou com alguns alunos da Faculdade de Letras da UFMG, em 1984, para sondar conhecimentos e intuições desses estudantes, a respeito de sujeito e objeto. Evidenciaremos aqui alguns dos resultados obtidos pela autora em relação aos SNs pospostos, um dos grupos de fatores significativos na caracterização do fenômeno em estudo:

- “os SNs pospostos não são considerados sujeitos por uma parcela significativa dos falantes;
- muitos falantes marcam como objeto os SNs pospostos, apesar de terem aprendido na escola o contrário;
- a concordância nos casos típicos não apresenta problemas para os alunos” [ou seja, nos casos em que o sujeito é aquele considerado prototípico: anteposto, com traços mais animados]. No entanto, nos casos em que o SN

³ O asterisco no início da sentença indica agramaticalidade.

⁴ Para Pontes (1986) o argumento da cliticização é questionável pois, “o uso de clíticos é um processo altamente artificial para nós brasileiros, porque hoje está praticamente restrito à língua escrita. [...] Daí, seus resultados, a meu ver, nem sempre serem muito confiáveis, no sentido de não refletirem a nossa competência da língua hoje, que usamos no dia-a-dia.” (p.27)

não é percebido como sujeito, a marcação de concordância tornou-se uma dificuldade. (Pontes, *op. cit.*, p.144)

Observamos, portanto, que o SN posposto, mesmo não sendo passível ao argumento da cliticização, apresenta características de objeto. E é a partir desta constatação que temos mais uma direção para o nosso estudo: se o SN posposto é encarado como objeto pelos falantes e a regra de concordância é desencadeada pelo sujeito, pode estar neste fato um contexto favorecedor para a não-marcação da concordância, como já foi atestado por Lemle e Naro (1977) e Scherre e Naro (1997).

Acreditamos que o estudo da ordem do SN, nesta pesquisa, traz consigo a necessidade de se trabalhar com a dicotomia entre verbos intransitivos e inacusativos.

De acordo com Mioto (1994) os verbos intransitivos selecionam necessariamente argumentos com traços mais humanos para figurarem como sujeitos na sentença (a não ser nos casos em que temos o sujeito expresso metafórica ou metonimicamente, como em: A Universidade trabalhou no feriado), apresentando forte tendência à anteposição do sujeito.

Já os verbos inacusativos, que selecionam argumentos mais ou menos animados que poderão figurar como sujeitos na sentença, têm maiores chances de apresentarem sujeitos pospostos.

Desta forma, é possível que uma correlação de fatores possa estar atuando significativamente para a não-concordância verbal: verbo inacusativo selecionando um argumento com aspecto de objeto, posposto ao verbo e com traços menos animados, assim como atesta Coelho (2001).

Partindo das considerações elencadas nesta seção, pretendemos descrever e analisar o comportamento da concordância verbal de terceira pessoa do plural, verificando as variáveis lingüísticas e sociais que motivam o uso de uma das variantes em análise: *variante explícita de plural nos verbos* e *variante zero de plural nos verbos*, buscando, no modelo de Princípios e Parâmetros e nos resultados estatísticos, subsídios para a explicação do fenômeno em estudo.

2 Objetivos e hipóteses

2.1 Objetivos geral e específicos

2.1.1 Objetivo geral

- Descrever o fenômeno da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de informantes florianopolitanos, que fazem parte do Banco de Dados VARSUL, contribuindo para a descrição do português falado na Região Sul.

2.1.2 Objetivos específicos

- Analisar grupos de fatores lingüísticos e sociais que podem estar condicionando a variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural.
- Verificar se o fenômeno de variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural encontra-se estável ou se é um caso de mudança em tempo aparente.

2.2 Hipóteses gerais⁵

- A variação do fenômeno da concordância verbal é condicionada tanto por grupos de fatores lingüísticos como sociais.
- Em todo fenômeno de variação, e também no da concordância verbal de terceira pessoa do plural, existe ou estabilidade entre as variantes ou mudança na língua em tempo aparente.

⁵ As hipóteses específicas serão discutidas no Capítulo IV, juntamente com o item que trata da caracterização e das hipóteses relativas a cada um dos grupos de fatores.

CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Neste capítulo, procuraremos estabelecer a associação da teoria da variação lingüística com o modelo de Princípios e Parâmetros, o que tem sido tratado como variação paramétrica. Logo após, apresentaremos os pressupostos metodológicos da teoria da variação e discutiremos alguns dos pontos básicos do modelo de Princípios e Parâmetros, constituindo, desta forma, a fundamentação teórico-metodológica em que se insere esta pesquisa.

1 A variação paramétrica¹

Esta pesquisa está inserida no quadro teórico da sociolingüística paramétrica (cf. Tarallo e Kato, 1989), que busca explicar uma variação interna ao PB, conciliando a teoria da variação com o modelo de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky, 1981; 1986).

Os estudos nessa área iniciaram acreditando-se que se devia "tentar chegar a um certo descomprometimento com o modelo em que atuamos e procurar, [...] outras possíveis soluções para um problema, soluções estas que [...] somente enriquecerão a qualidade de nossas análises." (Tarallo, 1986, p.142)

De acordo com o autor, o lingüista deve procurar caminhos que se definem em "uma certa dosagem de falta de personalidade teórica" (Tarallo, 1986, p.128) que o levem a resultados mais interessantes para os fatos que se propõe a analisar.

¹ Ramos (1999) questiona o rótulo 'sociolingüística paramétrica' sugerindo que 'variação paramétrica' seria mais adequado, já que esta abordagem "visa a recuperar/explicitar o reconhecimento da força dos fatores internos, do aspecto formal da gramática." (p.88) Assim sendo, a autora acredita que esse fenômeno refere-se mais a 'lingüística' que a 'sociolingüística'. Por acreditarmos que não existe uma lingüística que possa ser considerada à margem do social/cultural, em nosso estudo ora utilizamos 'variação paramétrica', ora 'sociolingüística paramétrica'.

Tarallo e Kato (1989) ressaltam que, em 1968, Weinreich, Labov e Herzog opõem a noção de heterogeneidade lingüística à homogeneidade pregada pela teoria gerativa. Anos mais tarde, em 1979, Chomsky propõe uma regra de movimento (mova α), reduzindo, assim, a força do componente transformacional da gramática gerativa, sendo encontrada uma exposição de pressupostos que se aproximam dos pressupostos da teoria da variação. A partir disto, em 1984, Borer tenta elaborar um quadro teórico que atinja “a natural way for language variation”. Desta forma, temos uma sintaxe gerativa que se define como paramétrica, atuando à base de princípios e não mais de regras, e que procura resgatar a variação interlingüística. Para Tarallo e Kato, mesmo diante destes fatos, a lingüística gerativa e a teoria variacionista continuam distantes devido ao velho e desgastado debate entre o empirismo e o racionalismo.

Os autores defendem o caminho que resgata “a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as probabilidades do modelo variacionista, seja para provar seu espelhamento e reflexo, seja para realinhar um modelo em função do outro.” (Tarallo e Kato, 1989, p.5) Tarallo e Kato acreditam num direcionamento entre a variação intra e interlingüística, enfim na harmonia transsistêmica. Enfatizam, através de alguns estudos, como os resultados intralingüísticos podem ser úteis ao realinhamento das propriedades paramétricas previstas no modelo interlingüístico.

A abordagem da sociolingüística paramétrica, atualmente, já não parece tão estranha nem aos variacionistas, nem aos gerativistas, como atesta Kato (1999). A autora salienta que, para Kroch (1993), a variação sintática intralingüística pode ser reduzida a casos de competição de gramáticas e que, para Chomsky (1988), a variação encontrada no indivíduo pode ser comparada à situação de *code-switching* entre duas línguas, em que um indivíduo que passa de um registro formal para um informal pode estar alternando gramáticas distintas.

Hoje em dia tem-se publicado muitos estudos cuja abordagem é a da Sociolingüística Paramétrica, como as publicações de Duarte (1993, 1995) em

que temos uma análise sobre a expressão nula/plena dos pronomes pessoais sujeito. De acordo com Duarte (1999), o papel da Sociolingüística Paramétrica é o de contribuir para o estudo da mudança lingüística, perseguindo a caracterização dos parâmetros propostos pela Teoria Gerativa.

Partindo da abordagem da sociolingüística paramétrica, adotada nesta pesquisa, iremos conciliar o aparato fornecido pela teoria da variação lingüística, que subsidiará metodologicamente nosso estudo, com os pressupostos teóricos do modelo de Princípios e Parâmetros, que servirão de base para o levantamento de algumas hipóteses e para a explicação dos resultados encontrados.

2 A teoria da variação lingüística

A teoria da variação lingüística, proposta por William Labov (1966), consiste em um modelo teórico e metodológico que tem por objetivo analisar a língua como sistema heterogêneo. Língua, de acordo com Labov (1972, p.183), é “uma forma de comportamento social, [...] usada por indivíduos em um contexto social para comunicar suas necessidades, idéias, emoções”.

Este modelo surgiu por volta dos anos sessenta, nos Estados Unidos, como uma reação ao caráter homogêneo e uniforme da língua pregado por Saussure (1916) e Chomsky (1965). Para o estruturalismo saussureano o objeto de estudo é o sistema abstrato e homogêneo da língua (*langue*). O modelo gerativo, proposto por Chomsky, naquela época, com a preocupação de explicar os mecanismos cognitivos da mente humana através da linguagem, com base em pressupostos inatistas, postulava o falante/ouvinte ideal em uma comunidade lingüística homogênea. Para ambas as abordagens, os fatos lingüísticos devem ser explicados somente por outros fatos lingüísticos, nunca por fatos extralingüísticos, sendo, portanto, impossível o estudo do comportamento social ou o estudo da língua em uso.

Contrária então a estas abordagens, a teoria variacionista aborda a estrutura e evolução da linguagem num contexto social da comunidade de fala, partindo do pressuposto de que a variação na fala de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade lingüística é sistematizada, i.e., toda variação é condicionada por fatores de ordem diversa, e a mudança lingüística resulta desta variação. É também chamada de sociolingüística quantitativa, pois utiliza-se de cálculos, como percentagens e probabilidades, de estruturas variáveis em dados coletados da fala.

Como uma metodologia científica, a teoria da variação pressupõe, portanto, um objeto e um método. Seu principal objeto é a língua, empregada em situações naturais e espontâneas por indivíduos pertencentes a uma determinada comunidade. Os falantes são selecionados de acordo com suas características sociais e geográficas de modo que representem a sociedade na qual se inserem. O método consiste em verificar quais fatores sociais e lingüísticos condicionam a escolha de uma ou outra das formas alternantes da língua, as variantes, definidas por Tarallo (1994) como formas equivalentes que o falante usa para dizer a mesma coisa em um **mesmo contexto** e com o **mesmo valor de verdade**. Ao conjunto de variantes dá-se o nome de "variável lingüística".

De acordo com Oliveira (1987) não podemos restringir o contexto unicamente ao contexto estrutural, pois existe um outro tipo de seleção de formas que não ocorre em termos estruturais. Segundo o autor, a literatura em lingüística antropológica aponta vários casos em que a seleção de formas acontece em termos da estrutura cultural da comunidade de fala. De fato, o contexto não-estrutural, em que se inserem fatores sociais, discursivos, pragmáticos etc., apresenta o mesmo efeito para certificar se estamos diante de variantes que o contexto estrutural apresentaria.

Em relação ao valor de verdade, Oliveira busca subsídios na noção de sinonímia, já que, no caso das análises sociolingüísticas, a sinonímia é limitada ao valor de verdade. Para Labov (1978), duas sentenças que se

referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade, ligando, desta forma, a noção de significado à de valor de verdade.

Através da sociolingüística quantitativa podemos observar se existe uma certa estabilidade entre as variantes em concorrência, ou se há mudança em progresso em que uma das variantes está ganhando a competição, e, neste caso, quais as tendências de uma possível mudança lingüística. Quando estamos diante de formas diferentes competindo por uma mesma função, é natural que estas formás se rejeitem mutuamente. Esta situação não parece nem econômica, nem funcional para a língua, pois não precisamos ter mais de uma forma, no mesmo contexto, dizendo a mesma coisa.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (1968) não é de todo fato heterogêneo que resulta mudança, no entanto, “[...] toda mudança lingüística pressupõe variação [...] Mudança é variação” (cf. Tarallo, 1994, p. 63), e são os fatores sociais, principalmente o fator idade, que nos permitem verificar os indícios de mudança em tempo aparente (mudança da língua em curso) ou real (sincronia/diacronia).

Naro (1992), ao tratar de mudança lingüística em tempo aparente, ressalta alguns aspectos interessantes. Inicialmente o autor evidencia a posição clássica (aceita desde gerativistas até sociolingüistas), que postula que o processo de aquisição da linguagem encerra-se aproximadamente no início da puberdade e a partir daí a língua do indivíduo fica estável. Partindo dessa hipótese, Naro revela que o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando tinha mais ou menos 15 anos. Desse modo, a fala de uma pessoa de 70 anos, pertencente a um *corpus* gravado em 1990, representaria o estado da língua adquirida em 1935.

Estudos desse tipo, segundo o autor, revelam um padrão quase linear da mudança lingüística em progresso, com as pessoas mais velhas preferindo uma forma mais conservadora, os mais jovens a forma inovadora e os de meia-idade usando ambas as formas, confirmando, assim, o postulado fundamental da hipótese clássica do relacionamento entre mudança e idade, em que “o

processo da mudança se espelha na fala das sucessivas faixas etárias”. (Naro, 1992, p.84)

Naro aponta que, apesar de interessante, a hipótese clássica esconde algumas dificuldades: primeiro o fato de nem toda variação na fala representar mudança em progresso na língua e, também, o fato de a variação estável assim como a mudança em progresso poderem depender da faixa etária do falante. No caso de variação estável, segundo o autor, não costuma aparecer o padrão quase linear, mas um padrão curvilíneo, com os jovens e os velhos apresentando comportamento semelhante em contraste com os de meia-idade. Desta forma, há evidências de que o falante muda sua língua no decorrer dos anos, diferentemente do que a hipótese clássica prevê: a existência da estabilidade na língua depois da puberdade.

Em relação à questão: “qual a posição certa?”, Naro coloca que “a base empírica da hipótese clássica se encontra bastante enfraquecida atualmente.” (p.84) Revela, ainda, que os estudos devem contemplar as mudanças em tempo aparente relacionadas a mudanças em tempo real, pois “os dois padrões existem lado a lado.” (p.85)

No caso do nosso estudo, em que estaremos trabalhando com dados atuais, estaremos relacionando as variantes à idade dos informantes, para que possamos investigar a mudança em tempo aparente. Se estivermos lidando com mudança em progresso, possivelmente encontraremos diferenças nas frequências e pesos relativos das variantes entre os falantes mais jovens e mais velhos. Em estudo futuro, pretendemos relacionar os resultados encontrados em dados de tempo aparente com dados de tempo real.

3 O modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981; 1986)

Neste momento, discutiremos alguns pontos básicos do modelo de Princípios e Parâmetros na versão *Government and Binding* (GB) que serão

utilizados quando da discussão de alguns grupos de fatores, como a ordem do sujeito e o tipo de verbo, por exemplo.

A Gramática Universal (GU), entendida como “a soma dos princípios lingüísticos geneticamente determinados, específicos à espécie humana e uniformes através da espécie” (cf. Raposo, 1992, p.46), constitui-se de princípios e de parâmetros. Os princípios são leis gerais válidas para todas as línguas naturais, e os parâmetros são propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pela diferença entre as línguas (interlingüísticas) e dentro de uma mesma língua (intralingüísticas). Portanto, uma sentença não pode violar um princípio, pois não será aceita em nenhuma língua; já uma sentença que não atende a uma propriedade paramétrica pode ser gramatical em uma língua e agramatical em outra (cf. Mioto *et al.* 1999).

A exemplo dos parâmetros, o Parâmetro do Sujeito Nulo (parâmetro pro-drop) possui, dentre outras, as propriedades de apresentar sujeito nulo e inversão “livre” do sujeito em orações principais. Segundo Kato *et al.* (1996, p.227) tanto o sujeito nulo como a ordem verbo-sujeito (VS) no Português Brasileiro (PB) são possíveis em certas condições bem específicas.

No PB observa-se (cf. Duarte, 1995) maior probabilidade de uso da forma pronominal plena em detrimento do sujeito nulo, não havendo relação direta da ocorrência de sujeito nulo com a presença de marca distintiva de pessoa (1^a, 2^a e 3^a pessoa). Duarte constata, a partir de uma amostra com treze informantes de nível superior estratificados em três faixas etárias, que o sujeito nulo, deixando de ser obrigatório para ser opcional, vem sendo uma opção cada vez menos utilizada no PB.

A autora comprova, através de seus resultados, que de fato a riqueza funcional do paradigma se perdeu tornando cada vez mais escassos os casos de sujeitos nulos referenciais licenciados por Agr² (do inglês, *agreement*, concordância). Evidência disto são os sujeitos de primeira e segunda pessoas

² Estamos considerando aqui que Agr é um dos componentes da flexão verbal, identificada como IP (do inglês, *Inflectional Phrase*, sintagma flexional). Sabemos que no PB a flexão verbal é composta de flexão de modo e tempo (T) e de número e pessoa (Agr). Como nosso objeto de estudo é a concordância verbal, quando falarmos em IP ou em Agr estamos nos referindo diretamente à flexão de número e pessoa e não ao tempo.

que apresentam baixos índices de sujeitos nulos; já em relação à terceira pessoa, que apresentou os índices mais altos de sujeitos nulos, acredita-se que a identificação do sujeito nulo, não sendo mais inteiramente realizada por Agr, ocorra através da sua co-indexação com um SN numa posição acessível: ou no contexto discursivo, ou em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes. Duarte acredita que o sujeito nulo de terceira pessoa é o mais resistente à mudança justamente porque conta com um referente externo para reforçar os traços enfraquecidos de Agr.

De acordo com a autora, o PB, mesmo apresentando um percentual expressivo de ocorrências de sujeito nulo de terceira pessoa, perdeu definitivamente as principais características de língua de sujeito nulo do tipo do italiano, decorrentes do Princípio "Evite Pronome", que prevê a ocorrência do sujeito nulo sempre que for plenamente licenciado e identificado (como, por exemplo, nas estruturas com sujeitos correferentes e em todas as sentenças em que o referente é esperado).

Duarte atribui a perda do Princípio "Evite Pronome" ao enfraquecimento da flexão, ou redução do quadro pronominal, que se responsabiliza pela identificação da categoria vazia sujeito em línguas que apresentam uma morfologia verbal suficientemente rica para tal processo. A autora atesta em seu estudo que essa perda não se reflete no uso da língua como uma mudança concluída, supondo que haja um sistema pro-drop defectivo, em que Agr continua licenciando pro³, mas sua identificação está comprometida pela perda do traço de pessoa tornando-se cada vez mais restrita.

Seus resultados corroboram a tese de Roberts (1993) de que a perda da 'uniformidade funcional' de um paradigma verbal atua na possibilidade de expressão do sujeito nulo como um todo, i.e., não só as formas que perdem sua desinência distintiva são atingidas por essa perda, mas sim todo o paradigma é afetado. O trabalho de Duarte mostrou evidências também, assim como o de Roberts, de que a mudança de um sistema pro-drop para não pro-

³ O elemento pro é uma categoria vazia (sem matriz fonética) pronominal que aparece no PB em contextos que não admitem a presença de um pronome lexicalmente realizado.

drop não acontece bruscamente, pois temos no PB propriedades de línguas positiva e negativamente marcadas em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo, em que essas duas formas coexistem, estando em variação.

Neste estudo, consideraremos apenas os SNs preenchidos, inclusive os pronomes de terceira pessoa do plural, para que possamos observar a variação de marca de concordância, i.e., quais são os contextos favorecedores da flexão verbal. Dentre essas discussões será estudada a inversão do sujeito. Assim como o sujeito nulo está cada vez mais preenchido no PB, estudos apontam que a propriedade de inversão do sujeito ao verbo está cada vez mais restrita no PB, condicionada a contextos de monoargumentalidade (cf. Berlinck, 1988, 1995; Tarallo e Kato, 1989; Coelho, 2000).

Além dos parâmetros, a GU contém um mecanismo, chamado mova α , que desloca sintagmas da posição em que foram gerados em Estrutura Profunda (doravante DS, do inglês, *Deep Structure*) para alocá-los em outras posições da sentença. No entanto, as estruturas, para que se realize o movimento, devem obedecer à seguinte generalização que diz respeito a uma restrição de localidade que pesa sobre os movimentos:

Restrição de Movimento de Núcleo (*Head Movement Constraint*)

Um núcleo só pode se mover para a primeira posição de núcleo que o c-comande⁴ (cf. Mito *et al.* 1999, p.182)

As línguas naturais apresentam três tipos de movimentos que podem se aplicar entre DS e Estrutura Superficial (doravante SS, do inglês, *Surface Structure*): movimento de núcleo, movimento A e A-barra.

Mova α é um princípio que se aplica entre os níveis de representação DS e SS e também entre SS e Forma Lógica (doravante LF, do inglês, *Logical Form*). Quando mova α é aplicado entre DS e SS, o efeito é visível porque é o nível SS que é submetido à Forma Fonológica (doravante PF, do inglês,

⁴ Inserimos aqui a noção de c-comando: α c-comanda β se e somente se:

- (i) α não domina β nem β domina α ;
- (ii) cada nó nódulo ramificante γ que domina α também domina β .

Phonological Form) para ser pronunciado. Entretanto, quando aplicado entre SS e LF, o movimento torna-se invisível porque LF não tem nenhum contato com PF neste modelo⁵.

Na verdade, nosso interesse neste mecanismo da GU está relacionado com a posição do sujeito em relação ao verbo. Quando o movimento se dá entre DS e SS, o sujeito vai assumir a posição anterior ao verbo (posição de especificador de IP); já quando o movimento for aplicado entre SS e LF, o sujeito ocupará a posição posposta ao verbo (posição interna a VP).

A seguir, apresentaremos a teoria do Caso e a teoria temática, módulos da gramática gerativa, cujos pressupostos são fundamentais para a discussão dos grupos de fatores de ordem sintática em nosso trabalho.

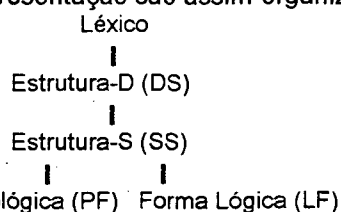
3.1 A teoria do Caso

A noção de Caso abstrato na gramática gerativa não deve ser confundida com caso semântico (Gramática de Casos) nem com caso morfológico (casos latinos). É através do Caso abstrato que os SNs se tornam visíveis para a interpretação temática.

A teoria do Caso é um módulo da gramática gerativa responsável por estabelecer:

- os Casos pertinentes para o português: o nominativo, o acusativo e o oblíquo, que são atribuídos a SNs;

⁵ Os níveis de representação são assim organizados neste modelo: (Chomsky, 1981)



O léxico é responsável pela inserção dos elementos lexicais na estrutura sintática de base, DS. Alguns princípios atuam na passagem da DS para a SS, como mova α . A forma lógica (LF) é definida como o nível de representação em que as propriedades semânticas fundamentais são analisadas, e a forma fonológica (PF) se encarrega de atribuir uma estrutura fônica ao enunciado efetivamente produzido.

- os atribuidores de Caso que são os dois núcleos lexicais [-N] (o verbo atribui Caso acusativo, a preposição Caso oblíquo) e o núcleo funcional I finito (atribui Caso nominativo);
- o princípio que regula a atribuição de Caso, chamado Filtro do Caso segundo o qual todo SN pronunciado deve manifestar um Caso abstrato⁶.

Em relação ao Caso nominativo, que nos interessa particularmente, devemos enfatizar que se manifesta num SN na posição de sujeito (posição de especificador de IP). É o Caso nominativo, que se realiza na relação especificador-núcleo⁷ (*spec-head*), que permitirá ao SN traços visíveis de concordância.

3.2 A teoria temática

De acordo com o modelo de Princípios e Parâmetros nosso léxico mental possui informação categorial sobre as palavras que contém. Esta informação categorial refere-se a um determinado núcleo lexical e é expressa através dos traços [+/-N, +/-V].

Os núcleos lexicais (predicados) têm estrutura argumental e selecionam os argumentos que compõem uma sentença, ou seja, selecionam argumentos para preencherem suas lacunas, impondo-lhes uma série de restrições. Estas restrições dizem respeito à categoria [-N, +V]; aos argumentos selecionados, que podem ser externos, quando ocupam a posição de especificador do núcleo, ou internos, quando aparecem na posição de complemento do núcleo; à c-seleção, que se refere à seleção categorial [SN, PP, VP, CP]⁸; e

⁶ Existe, ainda, um processo denominado ECM (do inglês, *Exceptional Case Marking*, Marcador Excepcional de Caso) que se distingue da marcação canônica por envolver um núcleo lexical e argumentos de outro núcleo.

⁷ O fato de o sujeito estar em relação de concordância especificador/núcleo com a flexão (I) implica, geralmente, concordância de número entre eles (cf. Koopman e Sportiche, 1991). Para discussão a respeito de Caso nominativo por concordância e Caso nominativo por regência ver Koopman e Sportiche (*op. cit.*).

⁸ PP, do inglês *Preposition Phrase* (sintagma preposicionado), VP, do inglês *Verbal Phrase* (sintagma verbal), CP, do inglês *Complementizer Phrase* (sintagma do complementizador).

à s-seleção, que se refere à capacidade de selecionar semanticamente os argumentos.

Neste momento a s-seleção nos interessa, pois “as informações relativas à s-seleção codificam o que é chamado na teoria gerativa de papel temático”⁹ (Mioto *op. cit.*, p.89).

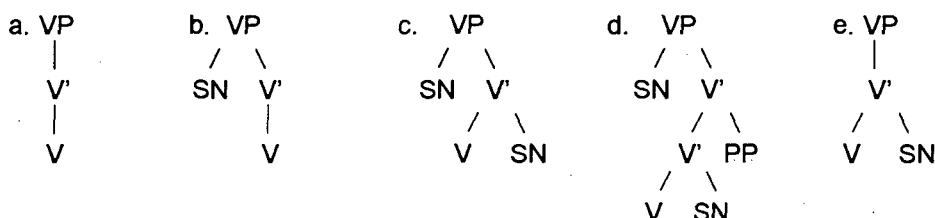
É através da teoria temática que se determinam os elementos capazes de atribuir e de receber os papéis temáticos, bem como as posições em que se dá a atribuição e o recebimento destes papéis, e ainda se formulam princípios reguladores da atribuição dos papéis temáticos.

Para dar conta da relação existente entre os argumentos presentes em uma estrutura sintática e os papéis temáticos disponíveis, Chomsky (1981) sugere um princípio que regula a atribuição dos papéis temáticos:

Critério Temático

- (i) Todo argumento deve aparecer em uma cadeia¹⁰ que comporte um e apenas um papel temático;
- (ii) Todo papel temático é atribuído a uma cadeia contendo um e apenas um argumento.

A partir dos papéis temáticos que um verbo pode atribuir, o VP pode tomar diferentes configurações em termos da Teoria X-Barra¹¹:



⁹ Os papéis temáticos podem ser do tipo: tema, agente, experienciador, benefactivo, instrumento, locativo, objetivo, fonte.

¹⁰ Uma cadeia (cf. Raposo, 1992, p.317) “é a representação abstracta da ‘história de movimento’ de um argumento, e consiste no conjunto de posições que esse argumento ocupa desde a estrutura-D até a estrutura-S de uma determinada expressão linguística”.

¹¹ A Teoria X-Barra é um módulo da gramática gerativa que permite representar um constituinte. Constituinte é uma unidade sintática construída hierarquicamente e delimitado a partir de um núcleo. Recebe o nome de sintagma. (cf. Mioto *et al.*, 1999)

Assim temos em (a) um verbo que não apresenta argumentos, como *chover*, (b) representa um verbo que seleciona apenas um argumento externo, como *trabalhar*, (c) um verbo de dois argumentos, um externo e um interno, como *vender*, (d) um verbo de três argumentos, um externo e dois internos, como *dar*, e em (e) temos um verbo com um argumento interno, como *existir*. Neste estudo interessam-nos, particularmente, as configurações ilustradas em (b), (c), (d) e (e).

A configuração (e) representa um verbo que seleciona apenas argumento interno sendo incapaz de atribuir Caso acusativo a seu argumento, o que faz derivar sua nomenclatura: *inacusativo*. Este é um tipo de verbo que a tradição gramatical não contempla. A seguir, daremos ênfase aos inacusativos que se constituem em uma categoria importante quando se trata de concordância verbal, como iremos discutir posteriormente no Capítulo IV em que trataremos dos grupos de fatores, mais especificamente do grupo tipo de verbo.

3.2.1 A hipótese inacusativa

A hipótese da inacusatividade foi formulada por Burzio (1986) que se utilizou das discussões de Perlmutter (1976), dentro de um modelo teórico conhecido como Gramática Relacional.

Burzio (1986), analisando as estruturas intransitivas, constatou diferenças estruturais importantes entre elas, como o fato de nem todas apresentarem sujeito subjacente. O autor propôs que essas estruturas, a que denominou ergativas (doravante inacusativas), diferem das intransitivas em duas propriedades:

- (i) só exibem uma posição temática, a de objeto direto;
- (ii) o objeto direto não recebe Caso do verbo inacusativo¹².

¹² Como no exemplo: (a) Faltou **um aluno**. (b) *Faltou-**o**.

Segundo Burzio, as estruturas inacusativas são derivadas de uma Estrutura-D (DS) que apresenta a posição de especificador vazia, devido a uma operação no nível lexical que suspende o papel temático do sujeito. Decorrente de não ter recebido Caso em sua posição de base, em Estrutura-D (DS), o SN objeto se movimenta para a posição de sujeito na qual recebe nominativo:

(4) Estrutura-S de verbos inacusativos:

[_{IP} SN_i V [_{VP} t_v t_i]]

(5) Estrutura-S de verbos intransitivos:

[_{IP} SN_i V [_{VP} t_i t_v]]

Burzio, ao analisar sentenças do inglês com sujeito pleonástico, e sentenças do italiano com sujeito posposto, propôs que em Estrutura-D tal estrutura apresenta um pronome expletivo na posição de sujeito, co-indexado ao SN pós-verbal para indicar a formação de uma CADEIA¹³ de Caso:

(6) [_{SN} pro_{expl}]_i [_{VP} V SN_i]

Segundo o autor, a estrutura acima apresenta apenas um SN argumento, tematicamente marcado pelo verbo; entretanto, esse SN não recebe Caso acusativo. Mas como pela Condição de Visibilidade todo SN com papel temático precisa receber Caso, então o autor propõe que ele deve estar recebendo nominativo e mostra a possibilidade de ele estar co-indexado com o expletivo na posição de sujeito. Isso quer dizer que o nominativo não é atribuído diretamente ao SN pós-verbal, mas transmitido a ele a partir da posição de sujeito via CADEIA.

Segundo o que Burzio propõe, a atribuição de nominativo ao SN pós-verbal justifica-se pela manifestação dos traços de concordância verbal, já que o núcleo I é o responsável pela atribuição de Caso nominativo.

¹³ Chomsky (1986) propõe o termo CADEIA (em caixa alta) para designar os pares expletivo-argumento, como no exemplo (c) pro_i chegaram [as cartas]_i, e o termo cadeia para designar as cadeias por movimento, como no exemplo (d) [As cartas]_i chegaram t_i.

o VP não é mais uma barreira para a regência. A posição resultante de adjunção ao VP mais alto em (10) não se configura como barreira para a regência de uma categoria adjungida, já que são apenas *segmentos de categorias*¹⁶, o que significa que o Caso nominativo deve ser acessível apenas ao SN pós-verbal adjungido¹⁷.



Partindo da proposta de Belletti, nossa expectativa é de que, no caso em que o SN pós-verbal é marcado com partitivo, o verbo atribuidor deste Caso não precisa apresentar marcas de concordância, já que a flexão não terá a função de atribuir Caso nominativo ao SN. Se essa hipótese estiver correta, esperamos encontrar um número bastante significativo de SNs pospostos a verbos inacusativos sem marcas de concordância verbal, o que discutiremos no Capítulo IV, quando apresentaremos os resultados dos grupos de fatores posição do sujeito em relação ao verbo e tipo de verbo.

Retomamos agora a configuração (e) atribuída aos verbos inacusativos e a configuração (b) atribuída aos intransitivos, em termos da Teoria X-Barra:



Como podemos observar, as configurações (e) e (b) são distintas, pois os inacusativos selecionam um argumento interno, e os intransitivos

¹⁶ Cf. Belletti (1988, p.19), somente categorias plenas, não segmentos, podem ser barreiras para a regência.

¹⁷ Pollock (1983, apud Belletti 1988) também não permite atribuição de Caso nominativo via CADEIA em estruturas inacusativas.

selecionam um argumento externo e, assim como foi mencionado no Capítulo I, os argumentos selecionados pelos inacusativos podem apresentar traços mais ou menos humanos, enquanto os argumentos dos verbos intransitivos apresentam necessariamente traços mais humanos (a não ser em casos com sujeito expresso metafórica ou metonimicamente). Para ilustrar esses casos, observemos abaixo as sentenças com o verbo inacusativo *vir*, apresentando em (11) sujeito com traço [+humano] e em (12) sujeito com traço [-humano].

(11) Aí *elas vinhu* nos examiná (08FBP703)

(12) *Vinha as canoa*, ali a gente comprava (08FBP296)

Já com o verbo intransitivo isto não acontece. Em (13), por exemplo, temos o intransitivo *pensar* com sujeito [+humano] e em (14) ao derivarmos a sentença de (13) colocando sujeito com traço [-humano] acabamos por torná-la agramatical.

(13) *Elas pensum diferente* (04MAP1107)

(14) **As canoa pensum diferente*

Para evidenciarmos o fato de que os verbos inacusativos selecionam argumento interno e não externo, observaremos, em seguida, através de alguns exemplos, que, quando aparece um SN na posição de especificador de IP, nem sempre ele é argumento externo do verbo. No caso de verbos existenciais, por exemplo, o SN à sua esquerda é um objeto profundo que se moveu de sua posição de base para a posição de especificador de IP, como na sentença (16) derivada de (15) em que temos o SN *aborto* como argumento interno de *existir*.

(15) *Existia aborto*, mas não assim que nem agora (08FBP990)

(16) *Aborto existia*, mas não assim que nem agora

Agora, para contrastar também com os inacusativos evidenciamos uma discussão trazida por Mioto *et al.* (1999) apresentando dados de verbos

transitivos, pois estes necessariamente selecionam argumento externo. Observemos em (17):

- (17) a. *Existia uma casinha flutuante* (24FBC156)
 b. **Desejava uma casinha flutuante*

Enquanto *desejar* tem de ocorrer necessariamente com um argumento externo, caso contrário resulta em agramaticalidade, como em (17b), *existir* não admite que se postule um argumento externo antes dele, já que é incapaz de atribuir-lhe papel temático, como podemos observar em (18a):

- (18) a. **João existia uma casinha flutuante*
 b. *João desejava uma casinha flutuante*

Em (18a) o SN *João* não é licenciado na sentença, pois viola a cláusula (i) do Critério temático¹⁸. Como *existir* não seleciona *João*, também não lhe atribui papel temático. Já em (18b) o SN *João* recebe papel temático do verbo pelo qual é selecionado (*desejar*).

Para ilustrar ainda mais tal propriedade, vale lembrar certos tipos de inacusativos que selecionam uma ‘pequena oração’ (doravante SC, do inglês, *small clause*) como complemento. Nesse caso, mesmo que tenha um SN na posição de especificador de IP, este não é seu argumento, pois não é ele que lhe atribui papel temático. Podemos observar em (19) que o SN *ela* recebe Caso nominativo da flexão de *parece* e está em relação de cadeia com *t* (*trace*) que recebe papel temático de *resfriada*:

- (19) *Ela_i parece t_i resfriada*

A teoria temática estabelece que um SN só pode ser argumento de um verbo se este lhe atribui papel temático; um verbo impõe uma série de restrições de natureza temática sobre o SN que é selecionado por ele.

¹⁸ A cláusula (i) do Critério temático estabelece que todo argumento deve aparecer em uma cadeia que comporte um e apenas um papel temático.

Para ilustrar temos os exemplos abaixo:

- | | |
|-------------------------------------------------|--------------------------------------------------|
| (20) a. O macaco <i>parece</i> gostar de banana | (21) a. *O macaco <i>deseja</i> gostar de banana |
| b. A saia <i>parece</i> estar amassada | b. *A saia <i>deseja</i> estar amassada |
| c. A esperança <i>parece</i> ter acabado | c. *A esperança <i>deseja</i> ter acabado |
| d. <i>Parece</i> que o professor não vem | d. * <i>Deseja</i> que o professor não vem |

Percebemos em (21) que o verbo *desejar* não admite nenhum dos sujeitos que lhe foi atribuído, ou seja, impõe restrições aos SNs que figuraram como seus argumentos externos. Já em (20) o inacusativo *parecer* não rejeitou nenhum tipo de sujeito, nem mesmo o expletivo em (20d). Na verdade, isto ocorre porque o sujeito, nesse caso, não é argumento de *parecer*.

Agora se verificarmos o seguinte exemplo:

- (22) *A saia *parece* cansada

podemos nos certificar de que não existe incompatibilidade entre o sujeito a saia e o verbo *parecer*, já que no exemplo (20b) não tivemos problemas. O que acontece é que (*estar*) *cansada* é uma capacidade atribuída a determinadas 'coisas' que possuem propriedades [+animadas] e [+humanas] e como é o (*estar*) *cansada* que seleciona a saia, neste caso há incompatibilidade temática, já que o SN selecionado é [-animado] e [-humano].

A partir do que foi discutido aqui, percebemos a importância deste aparato teórico para o levantamento das hipóteses de alguns grupos de fatores, como a posição do sujeito em relação ao verbo, tipo de verbo e traço humano no sujeito. Percebemos, ainda, que a discussão apresentada nos indica uma inter-relação entre estes três grupos de fatores, no sentido de que a inversão do sujeito está condicionada principalmente a contextos de inacusatividade, assim como são os verbos que selecionam argumentos com determinados traços semânticos para figurarem como sujeitos na sentença.

CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Evidenciaremos, neste capítulo, a extensão dos estudos da teoria da variação à morfossintaxe na qual se enquadra o fenômeno aqui investigado. Em seguida, delimitaremos a variável dependente em estudo, especificando as variáveis independentes testadas. Apresentaremos, ainda, a amostra selecionada para esta pesquisa, e também o programa Varbrul (Pintzuk, 1988) utilizado para a obtenção dos resultados estatísticos. Por fim, apresentaremos os contextos de restrição, ressaltando os dados que foram excluídos do nosso *corpus*.

1 Variação morfossintática

Neste momento, evidenciaremos a questão do tratamento da variação morfossintática, lugar em que se situa o objeto de estudo deste trabalho, com ênfase à clássica polêmica Lavandera/Labov.

Os estudos variacionistas desenvolveram-se, em sua maioria, na área da fonologia, a começar pelos estudos pioneiros de Labov¹. Esta preferência se desencadeou, de acordo com Bentivoglio (1987), primeiramente pela alta frequência de uso dos dados, necessária para a análise empírica, e também pelo campo da fonologia mostrar-se ideal para o estudo da variação, já que as variantes fonológicas apresentam significado social e estilístico².

Estendendo os estudos variacionistas para além do campo da fonologia, Weiner e Labov (1977) realizam um estudo quantitativo das construções ativas e passivas do inglês, testando fatores externos (estilo, sexo, classe,

¹ Ver Labov (1972) "The social motivation of a sound change" (cap. I)

"The social stratification of (r) in New York city department stores" (cap. II).

² Para Labov (1972) o fato de as variantes apresentarem significado social e estilístico implica se dizer "a mesma coisa" de formas diferentes. Neste sentido, o autor evidencia que as variantes são idênticas em valor referencial ou valor de verdade, possuindo significação social e estilística oposta.

etnia, idade) e fatores internos (*status* informacional, paralelismo estrutural). Os autores, ao analisar seus resultados, verificam que a escolha de uma ou outra das formas alternantes é motivada sintaticamente, não sendo socialmente determinada.

Essas considerações sugerem uma reformulação de pressupostos em que a crença de que o estudo da variação pode detectar empiricamente a mudança, explicada em termos sociais, deixa de existir, passando-se a considerações de ordem interna relativas ao funcionamento da gramática.

Partindo do estudo de Weiner e Labov, Lavandera (1978) levanta alguns argumentos favoráveis à inadequação de estender o estudo variacionista para além do nível fonológico. Primeiramente, ao salientar o fato de as construções sintáticas apresentarem cada uma, por definição, um significado, questionando, desta forma, a definição de variantes sintáticas, a autora sugere o alargamento de mesmo significado para condição de "comparabilidade funcional". Neste sentido, construções sintáticas cuja intenção comunicativa é a mesma, independentemente de possuírem mesmo significado, podem ser tratadas como variantes de uma mesma variável. Para Lavandera outra opção seria restringir o estudo variacionista ao nível fonológico em que as variantes dizem de fato "a mesma coisa".

Labov (1978) discorda das propostas de Lavandera afirmando que unidades não-fonológicas não possuem cada uma um significado. Para isto, lança mão da noção de "estado de coisas" em que dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo significado referencial ou o mesmo valor de verdade.

Lavandera coloca em foco também a noção de variável sociolingüística. Para a autora, estudos em que os fatores sociais e estilísticos não se mostram relevantes não devem ser caracterizados como variação "sociolingüística". Labov não distingue variável sociolingüística de variável lingüística e, contrário ao argumento de Lavandera, o autor deixa claro que, ao realizarmos estudos sociolingüísticos, não estamos somente preocupados em verificar a relevância

dos fatores sociais, mas, antes disso, objetivamos obter um retrato da estrutura gramatical da língua, vista como um fenômeno social.

Diante disto, acreditamos que, apesar de a extensão da teoria da variação lingüística a outros níveis além da fonologia gerar controvérsias, o caminho é possível de ser seguido e, portanto, a variável dependente deste estudo, delimitada a seguir, caracteriza-se como uma regra variável passível de um estudo variacionista.

2 A variável dependente e as variáveis independentes

Como vimos no Capítulo I, conforme Naro e Scherre (no prelo) a concordância verbal "constitui um fenômeno típico de ser estudado sob uma perspectiva da teoria da variação lingüística: suas variantes ocorrem em contextos semelhantes e apresentam o mesmo valor de verdade (cf. Labov, 1975; Tarallo, 1985)". Desta forma, estabelecemos como variável dependente em nosso estudo a **variante explícita de plural nos verbos** e a **variante zero de plural nos verbos**.

A seguir, apresentaremos alguns exemplos que fazem parte da amostra da pesquisa para evidenciar o uso variável da concordância verbal de terceira pessoa do plural.

(23) *Mas o meus irmão, não, nem tava aí* (01FAP276)

(24) *Porque eles tavu [exportando o <a->]- importando o açúcar* (02MAP324)

(25) *Os arames deu [tudo]- tudo (inint)* (01FAP301)

(26) *Os empregados deru uma esteira* (06MBP135)

(27) *Mora dois* no Rio (03FAP309)

(28) *Eles moru lá, tudo em Criciúma* (03FAP413)

(29) *Onde eles ia, [tudo]- ia todo mundo atrás* (01FAP1266)

(30) *Então os *meninos* iu certinho* (01FAP1424)

(31) *Eles tinha matadouro* (07FBP272)

(32) *Todos os *vendedores* tinhum número* (04MAP785)

(33) *Eles vinha até me trazer de kombi até aqui* (03FAP798)

(34) *Eles já vinhu* (08FBP433)

(35) *Final de semana saía três, quatro brincando* (04MAP185)

(36) *Eles saíu pro baile* (04MAP1121)

Buscando verificar os contextos favorecedores para cada uma das variantes, selecionamos sete grupos de fatores lingüísticos ou variáveis independentes e três sociais.

Os grupos de fatores lingüísticos:

- a) **posição do sujeito em relação ao verbo:** SN anteposto, SN posposto;
- b) **traço humano no sujeito:** SN [+humano], SN [-humano];
- c) **tipo de sujeito:** SN pleno simples, SN pleno nu, SN pleno composto, pronome pessoal, pronome indefinido, pronome demonstrativo, quantificadores³, SN + pronome relativo (que);
- d) **tipo de verbo:** inacusativos, intransitivos, transitivos, cópula;
- e) **saliência fônica:** oposição não-acentuada, oposição acentuada;
- f) **material interveniente:** de zero a mais de oito sílabas;
- g) **paralelismo formal:** presença da forma de plural explícita no último elemento, presença da forma de plural zero no último elemento, presença de numeral terminado em /s/ no último elemento, presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento.

E os grupos de fatores sociais:

- a) **sexo:** masculino, feminino;
- b) **idade:** 15 a 24 anos, 25 a 45 anos, 52 a 76 anos;
- c) **escolaridade:** 4 anos de escolarização, 11 anos de escolarização.

Os grupos de fatores listados anteriormente serão detalhados no capítulo seguinte.

³ Consideramos como quantificadores: todos, tudo, e os numerais.

3 A amostra utilizada e a análise quantitativa

A amostra para esta pesquisa compreende o *corpus* da região urbana de Florianópolis, pertencente ao Banco de Dados do Projeto VARSUL. O Projeto VARSUL envolve quatro Universidades do Sul do País (UFSC, UFPR, UFRGS e PUC-RS) e constitui-se em um Banco de Dados do português falado em áreas urbanas da Região Sul, tendo como objetivo investigar fenômenos de variação e mudança lingüísticas.

O *corpus* desta pesquisa compreende vinte e quatro entrevistas de informantes florianopolitanos, de origem açoriana, estratificados de acordo com sexo, idade e escolaridade, distribuídos de acordo com o quadro a seguir.

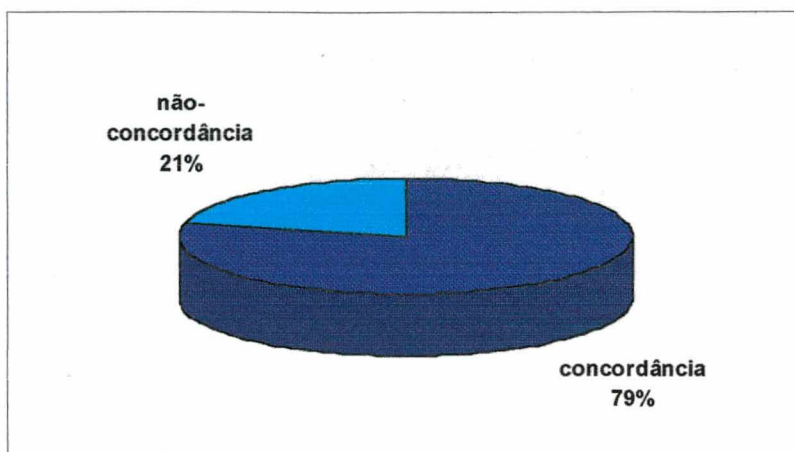
Quadro 1: Distribuição dos informantes de acordo com as células sociais

	FEMININO			MASCULINO		
	15 a 24 anos	25 a 45 anos	52 a 76 anos	15 a 24 anos	25 a 45 anos	52 a 76 anos
Primário	2	2	2	2	2	2
Colegial	2	2	2	2	2	2

Foram analisados todos os dados de concordância verbal com SN preenchido de terceira pessoa do plural extraídos de cada uma das vinte e quatro entrevistas que apresentam duração média de sessenta minutos, perfazendo um total de 1 583 ocorrências.

Do total de dados obtidos, 1 251 apresentaram marcas explícitas de concordância nos verbos, correspondendo a 79%⁴ da amostra, e 332 dados, 21% do total, apresentaram a variante zero de plural nos verbos, como mostra o gráfico 1 a seguir.

⁴ Vale ressaltar que iremos focalizar basicamente o que está motivando os 79% de marcas de concordância nos verbos.

Gráfico 1: Distribuição geral dos dados

Para que pudéssemos verificar a influência dos fatores lingüísticos e sociais no fenômeno em estudo, os dados coletados foram codificados e analisados estatisticamente com o auxílio do Programa Varbrul, desenvolvido por Susan Pintzuk (1988), que fornece

[...] pesos relativos associados aos diversos fatores dos grupos de fatores ou variáveis independentes consideradas, bem como a seleção destes grupos em função de sua relevância estatística para a variação do fenômeno analisado. Os pesos relativos atribuídos indicam o efeito que cada um dos fatores tem sobre as variantes do fenômeno lingüístico analisado (a variável dependente) [...] (Scherre e Naro, 1997, p.95).

4 Contextos de restrição

Neste momento, evidenciaremos os dados que foram excluídos quando da delimitação do nosso objeto de pesquisa.

a) Concordância semântica

Os dados de SN coletivo de terceira pessoa do singular (ex.: *a turma, o pessoal*) que poderiam desencadear a chamada concordância semântica, em

que há correlação do sentido de plural expresso pelo SN, fazendo com que o verbo fique no plural (ex.: *O pessoal foram* embora), não foram selecionados para esta pesquisa.

Decidimos excluir estes dados por acreditarmos que a terceira pessoa do plural nestes casos seria a forma inovadora, em oposição ao objeto que estamos analisando, em que é a terceira pessoa do singular a forma inovadora;

b) *ter* e *haver* no sentido de *existir*

Os verbos *ter* e *haver*, no sentido de *existir*, de acordo com a gramática tradicional (doravante GT) não devem apresentar concordância já que não têm sujeito; são os chamados impessoais, selecionando apenas um objeto direto (doravante OD), como nos exemplos:

(37) *Havia os concertos da sinfônica* (24FBC862)

(38) *Tinha as brincadeiras do colégio também* (01FAP254)

A partir dos dados analisados neste trabalho, percebemos que na maioria dos casos os verbos *ter* e *haver*, no sentido de *existir*, não apresentavam concordância, assim como a GT prevê.

No entanto, acreditamos que os falantes não usam a concordância nesses casos não por dominarem a regra estabelecida pela GT, como podemos observar a seguir em que o mesmo informante ora faz a concordância com o verbo *ter*, ora não a faz:

(39) Na Conselheiro Mafra **tinham** vários armazéns (24FBC34)

(40) *Tinha aqueles (hes) carinhos* (24FBC335)

Na verdade, acreditamos que os informantes não usam a concordância com o verbo *ter* e *haver* no sentido de *existir*, assim como não usam também com o próprio *existir*, mesmo que segundo a GT, nesse caso, devesse apresentar concordância, pois o argumento selecionado pelo verbo *existir* não seria um OD, mas um sujeito.

Segundo o modelo teórico que estamos adotando aqui, esperamos que exista tendência a não seguir a regra justamente por esses verbos (assim como o *existir*) pertencerem à classe dos inacusativos e selecionarem argumento interno (um objeto profundo), apresentando forte tendência ao SN posposto, desfavorecendo, desta forma, o uso da concordância.

Mesmo assim, resolvemos excluir os dados com os verbos *ter* e *haver* da nossa amostra, por acreditarmos que pudessem enviesar nossos resultados, já que encontramos apenas dois exemplos com marcas de concordância num total de 246 dados.

CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, salientaremos os grupos de fatores elencados para a verificação dos condicionamentos a que a concordância verbal de terceira pessoa do plural está submetida. Caracterizaremos as variáveis lingüísticas e sociais, evidenciando as hipóteses levantadas para cada uma delas. Em seguida, apresentaremos a discussão dos resultados obtidos nesta pesquisa.

1 Variáveis lingüísticas

As variáveis lingüísticas controladas mostraram-se bastante relevantes, sendo selecionadas obedecendo a seguinte ordem de relevância: saliência fônica, posição do sujeito em relação ao verbo, paralelismo formal, traço humano no sujeito, tipo de verbo, tipo de sujeito. Dentre as sete selecionadas para esta pesquisa apenas uma (material interveniente) não foi escolhida como significativamente relevante pelo Programa Varbrul (Pintzuk, 1988).

Vamos agora à caracterização, às hipóteses, aos resultados e à discussão de cada uma destas variáveis.

1.1 Saliência Fônica

1.1.1 Caracterização e hipóteses

Este grupo de fatores foi estabelecido em função de dois critérios de acordo com Naro (1981): (1) presença ou ausência de acento na desinência e (2) quantidade de material fônico que diferencia a forma singular da forma plural. A partir do primeiro critério, estabeleceram-se dois níveis de saliência e em cada nível apresentavam-se três categorias, salientando a diferenciação do material fônico da relação singular/plural.

- Nível 1: oposição não-acentuada:
 - a. não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (conhece/conhecem, consegue/conseguem, corre/correm, vive/vivem, sabe/sabem);
ex.: Todas **elas** já **sabe** a tarefa (07FBP466)
Eles só sabem viver assim juntos, né? (22FBC1051)
 - b. envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (ganha/ganham, era/eram, gosta/gostam);
ex.: **Os baile era** rodeado de janela (04MAP540)
Eu acho que **eles eram** improvisados (02MAP968)
 - c. envolve acréscimo de segmentos na forma plural (diz/dizem, quer/querem);
ex.: **Eles diz** que é criada a ração, né? (06MBP955)
Eles dizem que foi dele (06MBP472)

- Nível 2: oposição acentuada:
 - a. envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural (tá/tão, vai/vão);
ex.: Quando **vai alguns parente**, essas coisa (03FJP557)
Fico enrolada na toalha quando **eles vão** na praia (03FJP400)
 - b. envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural (bateu/bateram, viu/viram, incluindo o par foi/foram que perde a semivogal);
ex.: **Foi duas turma** (15MJC913)
Forum eles que me ajudarum a me soltá mais (16FJC907)
 - c. envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz, e até mudanças completas (veio/vieram, é/são, disse/disseram).
ex.: Mais tarde então **veio os hospitais** (18MAC789)
As rendeiras vieru dali, né? (24FBC1262)

Diversos estudos (cf. Lemle e Naro, 1977; Naro, 1981; Scherre e Naro, 1997) têm verificado que formas mais salientes tendem a ser mais marcadas do que as menos salientes, i.e., as oposições mais salientes, sendo mais perceptíveis, aumentam a probabilidade de ocorrência da variante explícita de plural. Nossa expectativa é de que, na fala da Região Sul, as formas mais salientes também favoreçam a presença da marca de concordância na terceira pessoa do plural.

1.1.2 Resultados e discussão

O grupo de fatores saliência fônica foi o que se mostrou mais relevante na análise probabilística realizada, sendo o primeiro a ser selecionado pelo Programa Varbrul.

Nossos resultados vêm corroborar os resultados de outros estudos que haviam controlado este grupo de fatores com a oposição acentuada favorecendo a presença de marcas explícitas de plural nos verbos, contrário à oposição não-acentuada com maiores probabilidades de marcas zero de concordância, como podemos observar na tabela a seguir.

TABELA 1: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores saliência fônica

NÍVEL 1: OPOSIÇÃO NÃO-ACENTUADA	APLICAÇÃO¹/TOTAL = %	PESO RELATIVO
a. não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	25/101 = 25%	.02
b. envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	638/802 = 80%	.46
c. envolve acréscimo de segmentos na forma plural	68/103 = 66%	.13
NÍVEL 2: OPOSIÇÃO ACENTUADA	APLICAÇÃO/TOTAL = %	PESO RELATIVO
a. envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural	125/130 = 96%	.88
b. envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural	85/102 = 83%	.65
c. envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural	310/345 = 90%	.75
TOTAL	1 251/1 583 = 79%	

Como podemos verificar, os fatores pertencentes ao nível 2, oposição acentuada, tenderam a uma maior marcação da regra de concordância verbal.

¹ A aplicação da regra refere-se às marcas explícitas de concordância no verbo, pois estas marcas sobressaíram-se em relação às marcas zero. Dos 1 583 dados coletados, 1 251 (79%) apresentaram concordância.

Observando-se este nível, percebemos que os verbos agrupados no item **a**, envolvendo apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural, como no exemplo *tá/tão*, tiveram o maior índice de concordância com .88 de peso relativo. Em seguida, temos os verbos do item **c**, que envolvem acréscimo de segmentos e mudanças diversas na forma plural, assim como no caso de *é/são*, com .75 de probabilidade de marcas de concordância verbal. Neste nível os verbos pertencentes ao item **b**, envolvendo acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural, foram os que tiveram o peso relativo mais baixo .65, o que indica uma menor aplicação da regra de concordância verbal.

Já em relação ao nível 1, oposição não-acentuada, percebemos uma tendência a marcas zero de concordância verbal. Como podemos observar esta tendência foi maior nos verbos que fazem parte do item **a** em que não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural, como no exemplo *conhece/conhecem*, com .02 de peso relativo. A seguir, temos os verbos agrupados no item **c** que envolvem acréscimo de segmentos na forma plural, como em *diz/dizem*, com .13 de probabilidade de marcação da regra de concordância verbal. Por fim, temos os verbos do item **b** que envolvem mudança na qualidade da vogal na forma plural, como no exemplo *era/eram*, que apresentaram o maior índice de marcas de concordância verbal com .46 de peso relativo.

A partir dos resultados encontrados, resolvemos fazer um cruzamento deste grupo de fatores com o grupo escolaridade para verificarmos se existe influência dos anos de escolarização dos falantes na nitidez da escala da saliência, assim como foi comprovado em Scherre e Naro (1997).

O que podemos verificar, através da tabela 2, a seguir, é que na nossa amostra parece não haver influência dos anos de escolarização dos falantes na saliência fônica, pois a escala com falantes de 4 anos e de 11 anos de escolarização ficou muito semelhante à escala com todos os informantes, com apenas uma alteração nos níveis 2b e 2c para os resultados da amostra com falantes de 4 anos de escolarização.

Acreditamos que estes resultados se justificam pelas características que os informantes que fazem parte da amostra da nossa pesquisa apresentam em relação ao mercado de trabalho (ver anexo 1). Observamos que os falantes com 4 anos de escolarização apresentam ocupações no mercado de trabalho muito semelhantes aos falantes com 11 anos de escolarização, o que talvez esteja influenciando na escolha da variante em relação à concordância verbal, fazendo com que a linguagem destes falantes de diferentes níveis de escolarização se aproximem.

TABELA 2: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores saliência fônica e escolaridade

TODOS OS INFORMANTES						
	4 anos de escolarização		11 anos de escolarização			
NÍVEL 1	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO
1a	25/101 = 25%	.02	14/49 = 29%	.04	11/52 = 21%	.01
1b	638/802 = 80%	.46	335/439 = 76%	.42	303/363 = 83%	.49
1c	68/103 = 66%	.13	35/56 = 63%	.14	33/47 = 70%	.12
NÍVEL 2	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO
2a	125/130 = 96%	.88	66/70 = 94%	.90	59/60 = 98%	.91
2b	85/102 = 83%	.65	46/52 = 88%	.77	39/50 = 78%	.53
2c	310/345 = 90%	.75	163/184 = 89%	.73	146/161 = 91%	.76
TOTAL	1.251/1.583 = 79%		659/850 = 78%		591/733 = 81%	

1.2 Posição do sujeito em relação ao verbo

1.2.1 Caracterização e hipóteses

O português é uma língua do tipo SVO que admite variação, por isso, em SS, o SN pode aparecer posposto ao verbo. Desta forma, para este grupo de fatores, consideramos a anteposição ou a posposição do sujeito:

- SN V anteposição ex.: **Eles** fizeram churrasco (02MAP1161)
- V SN posposição ex.: **Seriam três cidade** que eu gostaria de voltar (02MAP139)

Retomamos aqui a proposta de Belletti (1988) para levantarmos nossa hipótese para este grupo de fatores. De acordo com a autora, assim como

discutimos no Capítulo II, os inacusativos são incapazes de atribuir Caso estrutural acusativo a seus objetos, mas isto não os impede de atribuir outro tipo de Caso, como o Caso inerente partitivo. A proposta da autora é a de que o SN pós-verbal manifesta-se marcado por Caso partitivo, sempre que o objeto recebe uma leitura parcial ou indefinida.

A partir desta proposta, sugerimos que, no caso em que o SN pós-verbal é marcado com partitivo, o verbo atribuidor deste Caso não precisa apresentar marcas de concordância, já que a flexão não terá a função de atribuir Caso nominativo ao SN, por isso, então esperamos encontrar um número expressivo de dados com SNs pospostos a inacusativos sem apresentar marcas explícitas de plural.

Os resultados de trabalhos empíricos vêm reforçar essa expectativa de enfraquecimento da concordância com o SN pós-verbal, como veremos a seguir.

Lemle e Naro (1977) apontam que a probabilidade de concordância verbal com SNs pós-verbais é muito menor do que com SNs pré-verbais, independentemente até mesmo do nível de escolaridade a que pertence o falante.

Lira (1986) também comprova o alto índice de ausência de concordância com SNs pospostos em seus resultados: uma probabilidade de .62 de ausência de concordância para apenas .38 de presença.

Berlinck (1988) mostra resultados que vêm corroborar a hipótese dos autores: 94% dos SNs pospostos apresentam ausência de concordância para apenas 20% de presença, um percentual bastante significativo. Vale lembrar que seus dados são de informantes de nível universitário. A autora diz que essa associação de SN posposto e ausência de concordância tem servido de argumento favorável à tese do caráter menos 'subjetivo' do sujeito.

Pontes (1986), como já havíamos salientado no Capítulo I, discute, em seu trabalho, o estatuto de sujeito do SN posposto evidenciando que este tipo de sujeito apresenta características de objeto² (posição VSN, [- concordância]).

² O SN posposto, como ressalta Pontes (1986), mesmo apresentando características de objeto não admite cliticização como em: (1) A Sarinha tá nascendo dente (3) *A Sarinha nasceu-o.

A autora ressalta, a partir de um teste feito com alguns estudantes, que este SN posposto é encarado, muitas vezes, como objeto por uma parcela significativa dos falantes que, por consequência, apresentam dificuldade na marcação da concordância com estes tipos de SNs.

Partindo destas evidências acreditamos que o SN, quando posposto ao verbo, apresente forte tendência à variante zero de plural nos verbos. Esperamos que a coocorrência entre este grupo de fatores e o grupo tipo de verbo vai permitir atestar nossas hipóteses, o que será discutido posteriormente, na seção 1.5.

1.2.2 Resultados e discussão

A posição do sujeito em relação ao verbo foi o segundo grupo de fatores a ser selecionado pelo Varbrul. Podemos observar, através da tabela 3, que a probabilidade de aplicação da regra de concordância foi maior quando o sujeito estava anteposto ao verbo, com .58 de peso relativo, distanciando-se significativamente da posposição do sujeito, com .17 de peso relativo, confirmando, desta forma, nossa hipótese.

Nossos resultados vêm atestar, conforme apontam alguns estudos, que o sujeito quando posposto ao verbo passa a ser encarado como objeto pelo falante que não aplica a regra de concordância, já que não o considera sujeito da sentença.

TABELA 3: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores posição do sujeito em relação ao verbo

POSIÇÃO	APLICAÇÃO/TOTAL = %	PESO RELATIVO
SN anteposto	1 119/1328 = 84%	.58
SN posposto	132/255 = 52%	.17
TOTAL	1 251/1 583 = 79%	

1.3 Paralelismo formal

1.3.1 Caracterização e hipóteses

Controlaremos o paralelismo formal no nível clausal com o intuito de atestar se existe correlação entre o tipo de marca existente no sujeito e o tipo de marca existente no verbo, ou seja, se marcas explícitas de plural no sujeito levam à presença de marcas de plural no verbo e se o sujeito com marca zero de plural influencia a marca zero de plural no verbo.

Subdividimos este grupo nos seguintes fatores:

- presença da forma de plural explícita no último (ou único) elemento
ex.: **Eles encencavam** comigo (03FAP49);
- presença da forma de plural zero no último elemento
ex.: **As enfermeira_∅ deram** um quarto lá pra nós (03FAP899);
- presença de numeral terminado em /s/ no último elemento
ex.: Sei que **dois** [foi]- [foru]- **foru** criado ali (03FAP272);
- presença de numeral não terminado em /s/ no último elemento
ex.: Então **eru oito** (02MAP1072).

A nossa hipótese contempla o princípio geral do paralelismo: marcas levam a marcas, zeros levam a zeros.

Esperamos que, quando o último elemento do sujeito apresentar uma marca explícita de plural, o verbo correspondente tenderá a exibir a marca de plural, e se o último elemento do sujeito apresentar um zero plural, o verbo correspondente tenderá também a exibir um zero plural (cf. resultados obtidos por Scherre e Naro, 1993).

Em relação à presença de numeral, acreditamos que se o último elemento do sujeito for um numeral terminado em /s/ haverá uma tendência maior em existir marca formal de plural no verbo, diferentemente dos numerais sem /s/ que deverão influenciar na não-marcação da concordância.

1.3.2 Resultados e discussão

Este grupo de fatores foi o terceiro a ser selecionado em ordem de relevância. Quanto aos fatores presença de numeral terminado em /s/ e não terminado em /s/ no último elemento, os resultados foram amalgamados em função de seus índices de frequência, bem como de seu comportamento, i.e., mostrarem-se uniformes quando da presença de outros fatores.

TABELA 4: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores paralelismo formal

PARALELISMO	APLICAÇÃO/TOTAL = %	PESO RELATIVO
Presença da forma de plural explícita no último elemento	1 021/1216 = 84%	.54
Presença de numeral no último elemento	52/76 = 68%	.53
Presença da forma zero de plural no último elemento	178/291 = 61%	.32
TOTAL	1 251 / 1 583 = 79%	

Nossos resultados mostram que, quando o último ou único elemento do SN apresentava marca explícita de plural, o verbo também apresentou mais tendência à pluralização, com um peso relativo de .54. Em seguida, temos o numeral influenciando na marcação de plural, com .53 de probabilidade de concordância verbal. Já o fator presença de zero no último elemento favoreceu o não-aparecimento da forma plural no verbo, com .32 de peso relativo.

Os resultados obtidos vêm confirmar o princípio do paralelismo de "formas gramaticais particulares ocorrerem juntas" (Scherre, 1998, p.42). Acreditamos que esta repetição apresenta caráter mecânico; como Scherre (*op. cit.*, p.49) aponta, diversos estudos variacionistas que controlaram o paralelismo (Weiner e Labov, 1981; Braga, 1986; Schiffrin, 1981; Tannen, 1998) "concluíram que pode haver a repetição meramente mecânica".

1.4 Traço humano no sujeito

1.4.1 Caracterização e hipóteses

Controlaremos, neste grupo de fatores, os traços do SN do tipo [+/-humano]:

- SN [+humano] ex.: **As criança** não são cachorro (03FAP289);
- SN [-humano] ex.: **As passage** tão muito cara (03FAP416).

Em relação a este grupo de fatores, esperamos que, quando o traço do sujeito for [+humano], a probabilidade de marcas de concordância no verbo seja maior. Sabemos que o verbo, através da seleção argumental, seleciona o tipo de argumento que pode figurar na sentença; é ele que pede argumentos [+/- humanos]. Como os verbos intransitivos vão sempre selecionar argumentos [+humanos], enquanto os inacusativos selecionam argumentos [+/- humanos], cf. Mioto, 1994³, nossa expectativa é de que este grupo de fatores coocorra com o grupo tipo de verbo, como discutiremos a seguir, na seção 1.5.

1.4.2 Resultados e discussão

O grupo de fatores traço humano no sujeito foi selecionado como estatisticamente relevante em quarto lugar.

Confirmando nossa hipótese, quando a sentença possuía um SN [+humano] a probabilidade à concordância verbal foi maior (.55) do que em sentenças com SNs [-humanos] (.28), como mostra a tabela 5.

TABELA 5: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores traço humano no sujeito

TRAÇO HUMANO NO SUJEITO	APLICAÇÃO/TOTAL = %	PESO RELATIVO
SN [+humano]	1 082/1 290 = 84%	.55
SN [-humano]	169/293 = 58%	.28
TOTAL	1 251/1 583 = 79%	

³ O autor salienta que um verbo intransitivo admite que seu argumento externo seja [-humano] desde que metaforicamente ou metonimicamente. Ex.: As universidades trabalharam durante o feriado.

A partir dos resultados obtidos, fizemos um cruzamento entre o grupo de fatores posição do sujeito em relação ao verbo e o grupo traço humano no sujeito.

Podemos observar, através da tabela 6, uma hierarquia bastante clara para estes grupos de fatores em que os SNs antepostos são ambientes favorecedores de marcas explícitas de concordância no verbo (.65 e .25), diferentemente dos SNs pospostos que apresentam maior probabilidade da marca zero de concordância (.12 e .08), independente do traço semântico do SN.

Entretanto na oposição [+humano] *versus* [-humano] podemos observar que o SN que apresenta traços [+humanos], tanto na anteposição quanto na posposição, apresenta também maior incidência de marcas de concordância (.65 e .12) e, quando apresenta traços [-humanos], a incidência de marcas zero de concordância é que aumenta (.25 e .08).

TABELA 6: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre os grupos de fatores posição do sujeito em relação ao verbo e traço humano no sujeito

POSIÇÃO/TRAÇO HUMANO NO SUJEITO	APLICAÇÃO/TOTAL = %	PESO RELATIVO
SN anteposto [+humano]	1 013/1 172 = 86%	.65
SN anteposto [-humano]	106/156 = 68%	.25
SN posposto [+humano]	69/118 = 58%	.12
SN posposto [-humano]	63/137 = 46%	.08
TOTAL	1 251/1 583 = 79%	

1.5 Tipo de Verbo

1.5.1 Caracterização e hipóteses

Os tipos de verbos a serem controlados foram subdivididos em:

- inacusativos (selecionam um argumento interno, gerado na posição de complemento do verbo, exs.: chegar, sair, existir, morrer) ex.: Naquela época a gente ia pra Marinha e **chegava aqueles cara lá** (06MBP108);

- intransitivos (selecionam um argumento externo, figurando na posição de especificador do verbo, Spec VP, exs.: trabalhar, sorrir, chorar, telefonar, acordar) ex.: **Eles *trabalhavu*** muito com espada (02MAP166);
- transitivos (selecionam argumento externo e interno, exs.: desejar, dar, querer) ex.: **Eles *davum*** pão e duas bananas (02MAP872);
- cópula⁴ (selecionam uma SC, do Inglês *small clause*, pequena oração, exs.: parecer, ser, andar) ex.: **E o meus dois irmão** sempre ***foru*** meio pacatos, assim, né? (01FAP267).

Nossa hipótese, para este grupo de fatores, está relacionada ao tipo de argumento que os verbos selecionam para figurarem como sujeito na sentença e também à posição que este sujeito irá ocupar.

Como já foi discutido anteriormente, os verbos intransitivos selecionam necessariamente argumentos com traços mais humanos para figurarem como sujeitos na sentença apresentando forte tendência à anteposição do sujeito, por isso, tendendo a uma maior marcação da concordância (como já vimos tanto o sujeito [+humano], quanto o anteposto tendem a exibir marcas de plural nos verbos).

Nossa expectativa é de que verbos inacusativos, que selecionam argumentos mais ou menos humanos para figurarem como sujeitos na sentença, têm maiores chances de apresentarem sujeitos pospostos. Diante disto, esperamos que quando o inacusativo selecionar um argumento [-humano] e este aparecer posposto ao verbo, haverá tendência a uma menor marcação da concordância.

1.5.2 Resultados e discussão

Este grupo de fatores foi selecionado em quinto lugar em ordem de relevância. Assim como esperado, como podemos verificar na tabela 7, os verbos inacusativos foram os que menos favoreceram a regra de concordância

⁴ Separamos os inacusativos que selecionam argumento interno (como ir, sair, acontecer, nascer, existir, por exemplo) daqueles que selecionam uma SC (como ser, estar, parecer, por exemplo) por acreditarmos que têm comportamento diferenciado no que se refere à concordância verbal.

verbal com .37 de peso relativo. Já o cópula apresentou o maior índice de probabilidade de marcas explícitas de concordância com .63 de peso relativo, o que parece estar ligado à relação destes verbos com a saliência fônica, como veremos em seguida. Os verbos transitivos e intransitivos ficaram numa posição intermediária, apresentando peso relativo de .49 e .46, respectivamente.

TABELA 7: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores tipo de verbo

TIPO DE VERBO	APLICAÇÃO/TOTAL = %	PESO RELATIVO
Cópula	319/408 = 78%	63
Transitivo	631/769 = 82%	49
Intransitivo	101/123 = 82%	46
Inacusativo	200/283 = 71%	37
TOTAL	1 251/1 583 = 79%	

Como apresentamos no Capítulo II, há uma distinção entre os inacusativos que selecionam argumento interno e os que selecionam uma *small clause* como complemento, os inacusativos do tipo cópula. Os resultados para este grupo de fatores apontam para esta distinção mostrando que o cópula apresentou uma tendência bem maior a exibir marcas de plural do que os inacusativos. No entanto, mesmo esperando um comportamento diferenciado, acreditamos que a tendência à marcação de plural no cópula relaciona-se com a saliência fônica, como podemos ver na tabela 8.

Observamos um número bastante expressivo de dados de cópula no nível 2c, que inclui pares do tipo *é/são*, aqueles que envolvem acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural, mudanças bastante perceptíveis, o que leva a uma maior marcação de plural nos verbos. Talvez esteja aqui uma possível explicação para o alto índice de concordância apresentado pelo cópula.

TABELA 8: Frequência de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores tipo de verbo e saliência fônica

SALIENTIA	INACUSATIVO	CÓPULA
Nível 1	APLICAÇÃO/TOTAL = %	APLICAÇÃO/TOTAL = %
1a	4/13 = 31%	2/5 = 40%
1b	91/137 = 66%	116/173 = 67%
1c	1/7 = 14%	1/1 = 100%
Nível 2	APLICAÇÃO/TOTAL = %	APLICAÇÃO/TOTAL = %
2a	39/42 = 93%	26/27 = 96%
2b	28/32 = 88%	14/23 = 61%
2c	37/52 = 71%	160/179 = 89%
TOTAL	200/283 = 71%	319/408 = 78%

Assim como havíamos mencionado anteriormente, esperávamos que o grupo de fatores tipo de verbo coocorresse com o grupo posição do sujeito em relação ao verbo, já que o verbo inacusativo quando se encontra anteposto ao sujeito, de acordo com a nossa hipótese, não precisa apresentar marcas explícitas de concordância.

Esperávamos também a coocorrência com o grupo traço humano no sujeito, pois é o verbo que seleciona o tipo de argumento que pode figurar na sentença. Já que os verbos intransitivos vão sempre selecionar argumentos [+humanos], espera-se que apresentem forte tendência à concordância, enquanto os inacusativos, que selecionam argumentos [+/- humanos], devem influenciar na não-marcação da concordância, pois com sujeito de traços [-humanos] o verbo tende a apresentar uma probabilidade menor de exibir marcas explícitas de plural.

Podemos observar, através da tabela 9, os resultados do cruzamento entre estes três grupos de fatores.

Em relação ao SN posposto, assim como esperávamos, a tabela 9 nos indica uma baixa frequência de concordância com o verbo inacusativo (46% e 21%), que fica ainda menor se levamos em conta a distinção humano/não-humano.

Esta tendência à não-concordância com SNs pospostos a inacusativos pode ser explicada partindo da proposta de Belletti (1988) em que sugerimos que, no caso em que o SN pós-verbal é marcado com partitivo, o verbo atribuidor deste Caso não precisa apresentar marcas de concordância, pois a flexão não terá a função de atribuir Caso nominativo ao SN.

TABELA 9: Freqüência de concordância verbal, segundo o cruzamento entre a posição do sujeito em relação ao verbo, traço humano no sujeito e tipo de verbo

TIPO DE VERBO > POSIÇÃO / TRAÇO HUMANO NO SUJEITO >	INACUSATIVO	TRANSITIVO	INTRANSITIVO	CÓPULA	TOTAL
SN posposto [+humano]	16/35 = 46%	3/3 = 100%	1/5 = 20%	49/75 = 65%	69/118 = 58%
SN anteposto [+humano]	158/176 = 90%	597/713 = 84%	96/113 = 85%	162/170 = 95%	1 013/1 172 = 86%
SN posposto [-humano]	9/42 = 21%	0/0 = 0%	2/3 = 67%	52/92 = 57%	63/137 = 46%
SN anteposto [-humano]	17/30 = 57%	31/53 = 58%	2/2 = 100%	56/71 = 79%	106/156 = 68%
TOTAL	200/283 = 71%	631/769 = 82%	101/123 = 82%	319/408 = 78%	1 251/1 583 = 79%

1.6 Tipo de sujeito

1.6.1 Caracterização e hipóteses

Serão controlados os seguintes tipos de SN:

- SN pleno simples, ex.: Porque naquele tempo (est) **existia os carrinhos de cavalo** (24FBC431);
- SN pleno nu, ex.: Porque antigamente **entravu navios** aqui (24FBC1066);
- SN pleno composto, ex.: **Veio três oficiais e dois coronéis**. (19MAC1133);
- Pronome pessoal, ex.: **Eles eram** improvisados (02MAP968);
- Pronome indefinido, ex.: Embora **alguns** ainda não **entenda** assim (21MBC227);

⁵ Os 05 dados de verbos intransitivos com traços [-humanos] encontrados são do tipo: Ali pousavam **os hidroaviões** (24FBC156), em que o SN [-humano] é sujeito de um verbo intransitivo, apresentando um sentido metafórico ou metonímico.

- Pronome demonstrativo, ex.: **Essas são** as pessoas que realmente... (21MBC1044);
- Quantificador, ex.: **Todos moram** aqui (01FAP13);
- SN + pronome relativo (que), ex.: Evito assim até de falá com **as pessoa que fumu** (03FJP908).

Para o grupo de fatores tipo de sujeito, nossa hipótese baseia-se numa possível relação existente entre este e o grupo de fatores posição do SN em relação ao verbo.

De acordo com Zilles (2000), quando o SN é do tipo pleno ou pronome indefinido existe forte tendência a aparecer à direita do verbo, por isso esperamos que nesses casos a probabilidade de não-marcação da concordância seja mais acentuada, pois como verificamos anteriormente este é um dos fatores determinantes para a não-aplicação da regra de concordância nos verbos (ver tabela 3).

Já o SN do tipo pronome pessoal e demonstrativo dificilmente ocorre à direita (cf. Zilles *op. cit.*), assim como o SN + pronome relativo (que), ocupando, então, uma posição privilegiada para a marcação de plural nos verbos.

1.6.2 Resultados e discussão

Este grupo de fatores foi selecionado em sexto lugar, sendo a última variável linguística que foi selecionada pelo programa computacional utilizado.

Alguns dos fatores foram amalgamados em função de seus índices de frequência, bem como de seu comportamento uniforme quando da presença de outros fatores.

Podemos observar, através dos resultados, que a categoria pronome pessoal + pronome demonstrativo apresentou maior tendência à aplicação da regra de concordância verbal (.59). Em seguida, temos o SN + pronome relativo (que) favorecendo a marcação de plural nos verbos (.47). Observamos também que a categoria SN pleno simples + SN pleno nu apresentaram uma menor probabilidade de marcas de concordância, com .45 de peso relativo.

O fator quantificador + pronome indefinido (.22) e o SN pleno composto (.18) foram os que mostraram uma maior tendência a exibir marcas zero de plural nos verbos.

TABELA 10: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores tipo de sujeito

TIPO DE SUJEITO	APLICAÇÃO/TOTAL = %	PESO RELATIVO
Pronome pessoal + Pronome demonstrativo	629/717 = 88%	59
SN + pronome relativo (que)	137/166 = 83%	47
SN pleno simples + SN pleno nu	437/618 = 71%	45
Quantificador + Pronome indefinido	46/77 = 60%	22
SN pleno composto	2/5 = 40%	18
TOTAL	1 251/1 583 = 79%	

Para confirmar nossas hipóteses em relação à influência do grupo de fatores posição do sujeito em relação ao verbo, fizemos um cruzamento deste grupo de fatores com o grupo tipo de sujeito, como observamos na tabela 11.

TABELA 11: Frequência de concordância verbal, segundo o cruzamento entre a posição do sujeito em relação ao verbo e tipo de sujeito

TIPO DE SUJEITO > POSIÇÃO <	Pronome pessoal + Pronome demonstrativo	SN + pronome relativo (que)	SN pleno simples + SN pleno nu	Quantificador + Pronome indefinido	SN pleno composto	TOTAL
SN posposto	4/6 = 67%	0/0 = 0%	104/203 = 51%	22/41 = 54%	2/5 = 40%	132/255 = 52%
SN anteposto	625/711 = 88%	137/166 = 83%	333/415 = 80%	24/36 = 67%	0/0 = 0%	1119/1328 = 84%
TOTAL	629/717 = 88%	137/166 = 83%	437/618 = 71%	46/77 = 60%	2/5 = 40%	1251/1583 = 79%

Percebemos, através dos resultados, que os SNs do tipo pleno simples + pleno nu, quantificador + pronome indefinido e pleno composto apresentaram forte tendência à posição posposta ao verbo, o que parece influenciar na não-marcação da concordância verbal nesses casos. Já os SNs do tipo pronome pessoal + pronome demonstrativo e SN + pronome relativo

(que) apareceram mais à esquerda do verbo, posição favorável a marcas explícitas de plural nos verbos. Desta forma, nossos resultados confirmam as hipóteses levantadas para a correlação existente entre estes dois grupos de fatores.

1.7 Material interveniente

1.7.1 Caracterização e hipóteses

Neste grupo de fatores será controlado o material encontrado entre o SN e o verbo em termos do número de sílabas, assim como segue:

- zero sílaba, ex.: **Eles *ø* foru** me ensinando (02MAP1248);
- 1 sílaba, ex.: **Eles *não* ajudar**u ela em nada (03FAP257);
- 2 sílabas, ex.: **Eles *já me* conheci**am (04MAP814);
- 3 sílabas, ex.: Hoje **elas *ainda dizi*** para mim (03FAP598);
- 4 sílabas, ex.: **Os netinho *no quintal já*** vivi quase junto (07FBP567);
- 5 sílabas, ex.: **Os netos, *toda vida, não*** largavu dela (03FAP1058);
- 6 sílabas, ex.: **Muitos *que eu me lembro já*** faleceru, né? (07FBP212);
- 7 sílabas, ex.: Mas existiu ***durante muitos ano*** as patrulha ali das Forças <a-> (21MBC650);
- 8 sílabas, ex.: **Essas praia *daqui [da]- de perto também*** são boazinha (03FJP1291);
- + de 8 sílabas, ex.: **As pessoas *assim mais velhas um pouco (est)*** iam sentadas ali na frente (24FBC1178).

A hipótese para este grupo de fatores foi estabelecida em função dos resultados obtidos em diversos estudos (cf. Lemle e Naro, 1977; Naro, 1981; Guy, 1981), os quais mostraram que quanto mais material interveniente entre o sujeito e o verbo, maior a probabilidade de cancelamento da regra de concordância verbal.

Isto acontece, como Naro e Scherre (no prelo) enfatizam, porque, quando temos uma relação mais direta entre sujeito e verbo, mais

concordância verbal será encontrada e, quanto menos óbvia for esta relação, haverá menos chances de se encontrar marcas explícitas de plural nos verbos.

1.7.2 Resultados e discussão

Este grupo de fatores não foi selecionado pelo programa computacional utilizado, por isso evidenciamos na tabela 12 apenas a frequência de uso de cada um dos fatores sem, no entanto, apresentar probabilidades.

Após os primeiros resultados fizemos um amálgama de alguns dos fatores por apresentarem índices de frequência uniforme quando da presença de outros fatores.

Os resultados mostram que, no caso da nossa amostra, o número de sílabas entre o sujeito e o verbo parece não influenciar na marcação da concordância, pois a frequência de concordância quando não existia nenhum material separando o sujeito do verbo (zero sílaba) e quando tinha entre cinco e mais de oito sílabas ficou idêntica (79%) e com uma pequena diferença percentual quando o material interveniente ficou entre uma e quatro sílabas (78%).

A partir destes resultados, resolvemos fazer um cruzamento entre esse grupo e a posição do sujeito em relação ao verbo, para observarmos a relação existente entre a posição que o sujeito ocupa na sentença e o material que separa o sujeito do verbo, no entanto, os resultados não se mostraram significativos.

TABELA 12: Frequência de concordância verbal, segundo o grupo de fatores material interveniente

MATERIAL INTERVENIENTE	APLICAÇÃO/TOTAL = %
Zero sílaba	847/1 066 = 79%
De 05 a + de 08 sílabas	33/42 = 79%
De 01 a 04 sílabas	371/475 = 78%
TOTAL	1 251/1 583 = 79%

2 Variáveis sociais

Em relação às variáveis sociais que elencamos para o controle da regra de concordância verbal, duas delas mostraram-se relevantes no condicionamento do fenômeno em estudo, obedecendo à seguinte ordem de significância: escolaridade e idade. Veremos a seguir as caracterizações, hipóteses e resultados encontrados para cada uma dessas variáveis.

2.1 Escolaridade

2.1.1 Caracterização e hipóteses

Controlaremos, neste grupo de fatores, dois níveis de escolarização correspondendo a 4 e a 11 anos de escolarização.

Nossa hipótese é de que quanto maior o nível de escolaridade, maior a probabilidade de o falante utilizar a regra da concordância verbal, pois a escola é um dos ambientes que privilegia a norma lingüística utilizada na escrita e, de acordo com estudos variacionistas envolvendo a variável anos de escolarização, existe correlação entre formas lingüísticas consideradas padrão (ensinadas na escola e reforçadas em outros ambientes - como TV, jornais) e maior escolaridade.

2.1.2 Resultados e discussão

Este grupo de fatores foi o sétimo e penúltimo a ser selecionado. Os resultados confirmaram nossa hipótese: os falantes mais escolarizados aplicaram mais a regra de concordância verbal (.57) que os menos escolarizados (.44).

TABELA 13: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores escolaridade

ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO	APLICAÇÃO/TOTAL = %	PESO RELATIVO
11 anos	591/733 = 81%	57
4 anos	660/850 = 78%	44
TOTAL	1251/1583 = 79%	

Nossos resultados revelam o que já era esperado, i.e., os indivíduos que passaram mais tempo por um estudo formal tendem ao uso da variante explícita de plural nos verbos, considerada forma 'padrão' e, por isso, "transformada pela escola em norma a ser ensinada e aprendida". (Votre, 1992, p.75)

2.2 Idade

2.2.1 Caracterização e hipóteses

Em relação a este grupo de fatores, controlaremos as seguintes faixas etárias:

idade J: 15 a 24 anos;

idade A: 25 a 45 anos;

idade B: 52 a 76 anos.

De acordo com Guy (1981) a concordância verbal no Brasil é um padrão típico de variação estável, no entanto, Naro (1981), Naro e Scherre (1991) acreditam que existem fluxos diversos na comunidade de fala brasileira. Desta forma, acreditamos que controlar o fator idade torna-se relevante.

Esperamos que o fenômeno a ser estudado na comunidade de fala sulista possa estar a caminho de uma possível mudança em tempo aparente, e, portanto, os mais jovens tenderiam ao uso da variante inovadora, ou seja, à ausência da concordância verbal, e os informantes mais velhos privilegiariam a forma padrão.

2.2.2 Resultados e discussão

Este grupo de fatores foi o oitavo e último a ser selecionado pelo Programa Varbrul. Podemos observar que nossos resultados apresentam um

padrão curvilíneo invertido em que os falantes mais velhos e os mais novos apresentaram um comportamento semelhante, tendendo à marcação de plural nos verbos (.55 e .52 de peso relativo, respectivamente), em contraste aos falantes de meia-idade (.42).

Na verdade, procuramos apenas apresentar um quadro descritivo, pois ainda não temos uma explicação para os resultados encontrados.

TABELA 14: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores idade

IDADE	APLICAÇÃO/TOTAL = %	PESO RELATIVO
B (52 a 76 anos)	443/548 = 81%	55
J (15 a 24 anos)	446/553 = 81%	52
A (25 a 45 anos)	362/482 = 75%	42
TOTAL	1251/1583 = 79%	

A partir destes resultados, resolvemos fazer um cruzamento entre o grupo de fatores escolaridade e o grupo idade para verificarmos se o efeito do fator escolarização está relacionado ao fator idade, como podemos observar através da tabela 15. Vale lembrar que este cruzamento foi selecionado pelo Varbrul, em uma outra rodada ocupando o quinto lugar em ordem de relevância, dentre sete grupos controlados.

TABELA 15: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores escolaridade e idade

IDADE	4 anos de escolarização		11 anos de escolarização		TOTAL
	APL/TOTAL = %	PESO REL.	APL/TOTAL = %	PESO REL.	
A (25 a 45 anos)	177/234=76%	42	185/248=75%	43	362/482=75%
B (52 a 76 anos)	214/277=77%	40	229/271=85%	71	443/548=81%
J (15 a 24 anos)	269/339=79%	47	177/214=83%	56	446/553=81%
TOTAL	660/850=78%		591/733=81%		1 251/ 1 583=79%

Percebemos, através dos resultados, que os falantes de meia-idade, grupo A, com 4 anos de escolarização (.42) ou 11 anos (.43) apresentam comportamento bastante semelhante, o que indica que nesta faixa etária os

anos de escolarização parecem não significar muito em termos de marcação de concordância verbal.

Já para os falantes mais jovens e ainda mais para os mais velhos, a diferença de escolaridade parece mais significativa, o que demonstra que nestas faixas etárias existe uma certa influência da escolaridade em relação à regra da concordância verbal.

2.3 Sexo

2.3.1 Caracterização e hipóteses

Em relação ao grupo de fatores sexo, esperava-se que as mulheres, por se mostrarem mais receptivas à atuação normatizadora da escola, como apontam Oliveira e Silva; Scherre (1996), tendessem a preferir a variante padrão, neste caso, a marcação da regra de concordância verbal.

2.3.2 Resultados e discussão

Este grupo de fatores não foi selecionado pelo Varbrul, no entanto, podemos observar, através dos resultados obtidos, que as mulheres apresentam maior probabilidade (.53)⁶ que os homens (.45) na aplicação da regra de concordância verbal, o que parece estar indicando que as mulheres estão mais atentas às regras estabelecidas, sejam elas sociais ou lingüísticas.

De acordo com Vazzata-Dias (2000, p.214), isto se deve, entre outras coisas, “ao maior formalismo associado aos papéis femininos, por exemplo, a sua responsabilidade na educação dos filhos”.

⁶ O peso relativo deste grupo de fatores, bem como do cruzamento entre sexo e idade, que não foram selecionados como estatisticamente relevantes, foram retirados do nível 1 do stepup.

TABELA 16: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores sexo

SEXO	APLICACAO/TOTAL = %	PESO RELATIVO
Feminino	736/905 = 81%	.53
Masculino	515/678 = 76%	.45
TOTAL	1 251/1 583 = 79%	

Nossos resultados dão indícios, assim como Vazzata-Dias evidencia, de que os falantes do sexo feminino, nos casos de variação estável, caso da nossa amostra, tendem a se aproximar mais da norma padrão do que os falantes do sexo masculino.

Apresentamos na tabela 17 um cruzamento entre o grupo de fatores sexo e o grupo idade, apontando uma taxa de preservação de concordância maior para as mulheres (.56) do que a taxa apresentada pelos homens (.46), evidenciando, desta forma, que as mulheres mais idosas tendem a uma maior obediência às normas

No caso dos jovens, podemos observar, através dos resultados, que a tendência à preservação da concordância é muito semelhante (.53 de peso relativo para as mulheres e .51 para os homens), o que nos faz pensar que nesta faixa etária a linguagem dos homens e das mulheres é mais próxima.

TABELA 17: Freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores sexo e idade

IDADE	FEMININO		MASCULINO	
	APL/TOTAL = %	PESO RELATIVO	APL/TOTAL = %	PESO RELATIVO
J (15 a 24 anos)	220/271 = 81%	.53	226/282 = 80%	.51
A (25 a 45 anos)	204/258 = 79%	.50	158/224 = 71%	.39
B (52 a 76 anos)	312/376 = 83%	.56	131/172 = 76%	.46
TOTAL	1 251/1 583 = 79%			

Na tabela a seguir apresentamos um cruzamento entre o grupo de fatores sexo e anos de escolarização que foi selecionado como estatisticamente relevante pelo Programa Varbrul, em uma outra rodada ocupando a mesma posição que a escolaridade (oitavo lugar).

TABELA 18: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores sexo e escolaridade

ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO	FEMININO		MASCULINO	
	APL/TOTAL - %	PESO RELATIVO	APL/TOTAL - %	PESO RELATIVO
11 anos	372/435 = 86%	.62	219/298 = 73%	.51
4 anos	364/470 = 77%	.41	296/380 = 78%	.47
TOTAL	1 251/1 583 = 79%			

Observamos, através da tabela 18, que os homens com 4 anos de escolarização apresentaram maior tendência ao uso de marcas de concordância (.47) do que a apresentada pelas mulheres (.41). Já no nível 11 anos de escolarização, as mulheres é que tenderam a exibir mais marcas explícitas de plural nos verbos (.62) do que os homens (.51).

Percebemos que as mulheres apresentam um maior distanciamento entre os níveis de escolarização, evidenciando que elas "são mais sensíveis à escolarização do que os homens no sentido de apresentarem ou maiores polarizações entre os resultados máximos e mínimos [como no nosso caso] ou maior regularidade nos resultados". (Oliveira e Silva; Scherre, 1996, p.349)

3 Conclusões parciais

Podemos observar através da discussão dos resultados que as variáveis sociais controladas se mostraram as menos relevantes, o que nos faz concluir que o fenômeno de concordância aqui investigado é condicionado muito mais por grupos de fatores lingüísticos do que sociais.

Retomamos a seguir, através da tabela 19, os grupos de fatores lingüísticos selecionados como estatisticamente relevantes: saliência fônica, posição do sujeito em relação ao verbo, tipo de verbo, tipo de sujeito, traço humano no sujeito e paralelismo formal.

Os resultados referentes às restrições morfofonológicas apontam que os ambientes mais salientes são condicionadores da marca de concordância verbal. No que se refere às restrições sintáticas, os resultados indicam, como ambientes favorecedores da marca de concordância nos verbos, o SN na posição anteposta ao verbo, o verbo do tipo cópula e o sujeito do tipo pronome pessoal e pronome demonstrativo. No que diz respeito às restrições semânticas, o SN com traço do tipo [+humano] foi o ambiente que se mostrou condicionador da marca de concordância verbal. Em relação ao paralelismo formal, o fator presença da marca explícita de plural no último elemento foi o que mais favoreceu a marca de concordância nos verbos.

Logo após evidenciamos, através da tabela 20, os grupos de fatores sociais controlados na nossa pesquisa. Vale lembrar que os grupos escolaridade e idade se mostraram os mais significativos, no entanto, o grupo sexo quando relacionado à escolaridade também mostrou-se significativo.

Os resultados apontam que as mulheres mais idosas e mais escolarizadas são as que apresentam maior tendência à marcação de plural nos verbos.

TABELA 19: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo os grupos de fatores lingüísticos

	GRUPOS DE FATORES	FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL=%	P.R.
Restrições	Saliência	1a	25/101 = 25%	.02
Morfo fonológicas	fônica	1b	638/802 = 80%	.46
		1c	68/103 = 66%	.13
		2a	125/130 = 96%	.88
		2b	85/102 = 83%	.65
		2c	310/345 = 90%	.75
Restrições	Posição do	SN anteposto	1 119/1 328 = 84%	.58
Sintáticas	sujeito	SN posposto	132/255 = 52%	.17
	Tipo de	Cópula	319/408 = 78%	.63
	verbo	Transitivo	631/769 = 82%	.49
		Intransitivo	101/123 = 82%	.46
		Incusativo	200/283 = 71%	.37
	Tipo de	Pronome pessoal + Pronome demonstrativo	629/717 = 88%	.59
	sujeito	SN+ pronome relativo (que)	137/166 = 83%	.47
		SN pleno simples + SN pleno nu	437/618 = 71%	.45
		Pronome quantificador + Pronome indefinido	46/77 = 60%	.22
		SN pleno composto	2/5 = 40%	.18
Restrições	Traço	SN [+humano]	1 082/1 290 = 84%	.55
Semânticas	humano	SN [-humano]	169/293 = 58%	.28
	Paralelismo formal	Presença da forma de plural explícita no último elemento	1 021/1 216 = 84%	.54
		Presença de numeral no último elemento	52/76 = 68%	.53
		Presença da forma zero no último elemento	178/291 = 61%	.32
TOTAL			1 251/1 583 = 79%	

TABELA 20: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo os grupos de fatores sociais

GRUPOS DE FATORES	FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL=%	P.R.
Escolaridade	11 anos de escolarização	591/733 = 81%	.57
	4 anos de escolarização	660/850 = 78%	.44
Idade	52 a 76 anos	443/548 = 81%	.55
	15 a 24 anos	446/553 = 81%	.52
	25 a 45 anos	362/482 = 75%	.42
Sexo	Feminino	736/905 = 81%	.53
	Masculino	515/678 = 76%	.45
TOTAL		1 251/1 583 = 79%	

CAPÍTULO V - ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS NOSSOS RESULTADOS E OS DE SCHERRE E NARO

Neste capítulo, apresentaremos uma comparação entre os resultados obtidos neste trabalho e os resultados de alguns estudos de Scherre e Naro (1993, 1997, 1998).

Sabendo-se que a delimitação do fenômeno em estudo está baseada em alguns dos trabalhos de Naro e Scherre (1999, no prelo), Scherre e Naro (1993, 1997, 1998) pretendemos, neste momento, fazer um estudo comparativo entre os resultados encontrados nesta pesquisa com os resultados obtidos por estes autores em alguns de seus estudos.

Apesar de sabermos que os resultados de cada um dos grupos de fatores, em cada trabalho, leva em conta outras variáveis, que não serão as mesmas nos estudos que fazem parte da análise comparativa, julgamos pertinente e possível uma análise comparativa entre trabalhos sobre um mesmo fenômeno.

Os gráficos apresentados a seguir retomarão alguns dos nossos resultados, apresentados no Capítulo IV, para que possamos fazer uma comparação entre os nossos e os resultados dos autores supra-citados¹.

1 Variáveis lingüísticas

Consideramos as seguintes variáveis lingüísticas para a nossa análise comparativa: saliência fônica, posição do sujeito em relação ao verbo, paralelismo formal e traço humano no sujeito. A ordem dos grupos de fatores apresentada deve-se à ordem de relevância destes grupos no nosso trabalho.

¹ Para esclarecer possíveis dúvidas, ver anexo 2 com tabelas correspondentes a todos os gráficos que serão apresentados neste capítulo.

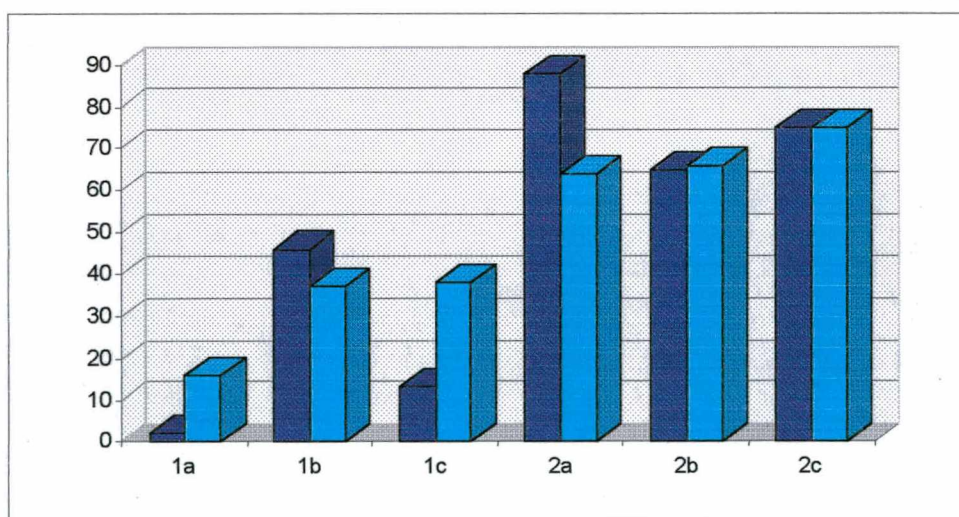
1.1 Saliência fônica

O primeiro grupo de fatores a ter seus resultados comparados é o da saliência fônica. Para relembrarmos, este grupo foi constituído por dois níveis, assim como no trabalho de Scherre e Naro (1997), baseado em Naro (1981): (1) oposição não-acentuada e (2) oposição acentuada (cf. p.41 deste trabalho).

Apresentamos no gráfico 2, a seguir, a comparação entre os resultados obtidos no nosso trabalho e os resultados de Scherre e Naro (1997).

A amostra da pesquisa de Scherre e Naro constituiu-se de 4 632 construções de concordância verbal, retiradas de entrevistas com 64 informantes que fazem parte do Banco de Dados do *Corpus* Censo do PEUL estratificados de acordo com anos de escolarização (1 a 4 anos, 5 a 8 anos, 9 a 11 anos), faixa etária (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima de 49 anos) e sexo.

GRÁFICO 2: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores saliência fônica²

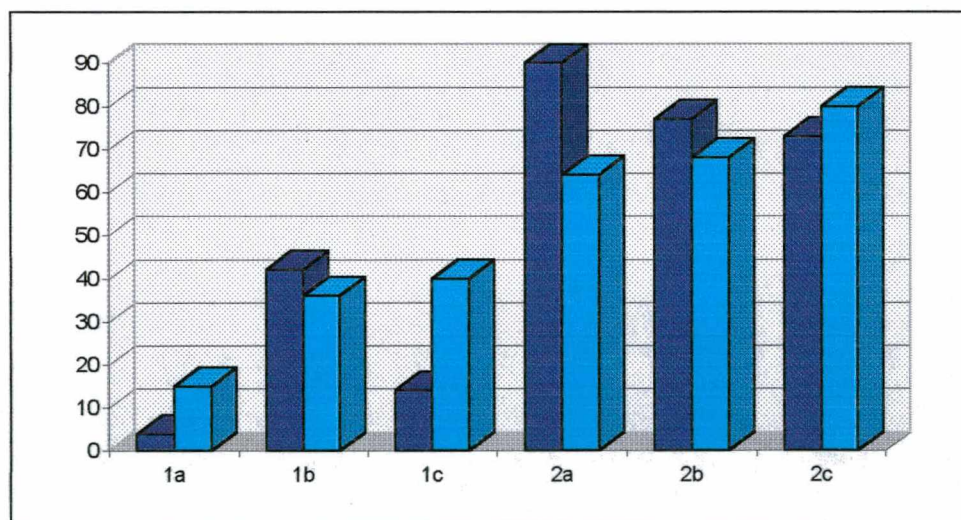


² Em relação a este gráfico, ao gráfico 3 e ao gráfico 4, nossos resultados estão ilustrados na cor azul escura, enquanto os resultados de Scherre e Naro (1997) estão ilustrados na cor azul clara.

O que se verifica através do gráfico 2 é que existe a tendência, em ambos os estudos, de uma maior marcação da concordância verbal no nível 2³, oposição acentuada, em contraste com o nível 1⁴, oposição não-acentuada. No entanto, podemos constatar que nos nossos resultados não existe a mesma hierarquia encontrada nos resultados de Scherre e Naro, com um desvio nos fatores 1b e 2a.

Como a amostra do estudo de Scherre e Naro constitui-se de falantes de 1 a 4 anos de escolarização, 5 a 8 anos e 9 a 11 anos e no nosso estudo trabalhamos somente com dados de falantes de 4 anos de escolarização e 11 anos, optamos por apresentar dois gráficos (3 e 4) evidenciando os resultados dos dois níveis de escolaridade que foram controlados em ambos os trabalhos.

GRÁFICO 3: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores saliência fônica e escolaridade (com informantes de 1 a 4 anos de escolarização)



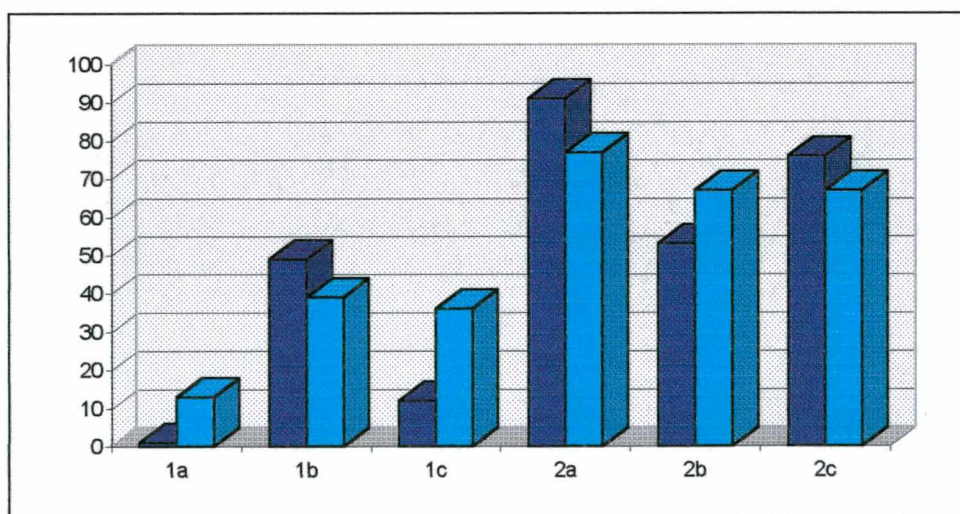
³ Em relação ao nível 2, os pesos relativos distribuíram-se da seguinte forma: nos nossos resultados: 2a .88, 2b .65, 2c .75, no estudo de Scherre e Naro (1997): 2a .64, 2b .66, 2c .75.

⁴ No nível 1 temos os pesos relativos que seguem: nos nossos resultados: 1a .02, 1b .46, 1c .13, em Scherre e Naro: 1a .16, 1b .37, 1c .38.

Podemos observar, através do gráfico 3, que a hierarquia nos resultados de Scherre e Naro com os informantes de 1 a 4 anos de escolarização mantém-se, apresentando mais nitidez na escala da saliência em função dos anos de escolarização. Já nos nossos resultados, assim como já havíamos constatado no Capítulo IV, a escolarização parece não influenciar na nitidez da escala da saliência, apresentando para este nível de escolarização uma escala muito semelhante à apresentada no gráfico 2 incluindo todos os informantes, com uma inversão apenas dos itens 2b e 2c.

Em relação ao gráfico 4, a seguir, podemos observar que existe uma maior aproximação entre os resultados de Scherre e Naro e os da nossa pesquisa, pois como há influência dos anos de escolarização na nitidez da escala da saliência nos resultados dos autores, no caso dos resultados com informantes de 9 a 11 anos de escolarização essa nitidez fica menos clara, assim como nos nossos resultados em que não existe a influência da escolaridade.

GRÁFICO 4: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores saliência fônica e escolaridade (com informantes de 9 a 11 anos de escolarização)



1.2 Posição do sujeito em relação ao verbo

No nosso estudo, consideramos para este grupo de fatores a anteposição e a posposição do sujeito.

Scherre e Naro (1997), trabalhando com a mesma amostra evidenciada anteriormente, consideraram os seguintes fatores:

- sujeito imediatamente à esquerda do verbo;
- sujeito à esquerda do verbo, dele separado por 1 a 4 sílabas;
- sujeito à esquerda do verbo, dele separado por 5 ou mais sílabas;
- sujeito à direita do verbo;
- sujeito zero ou oculto próximo do verbo;
- sujeito zero ou oculto distante do verbo.

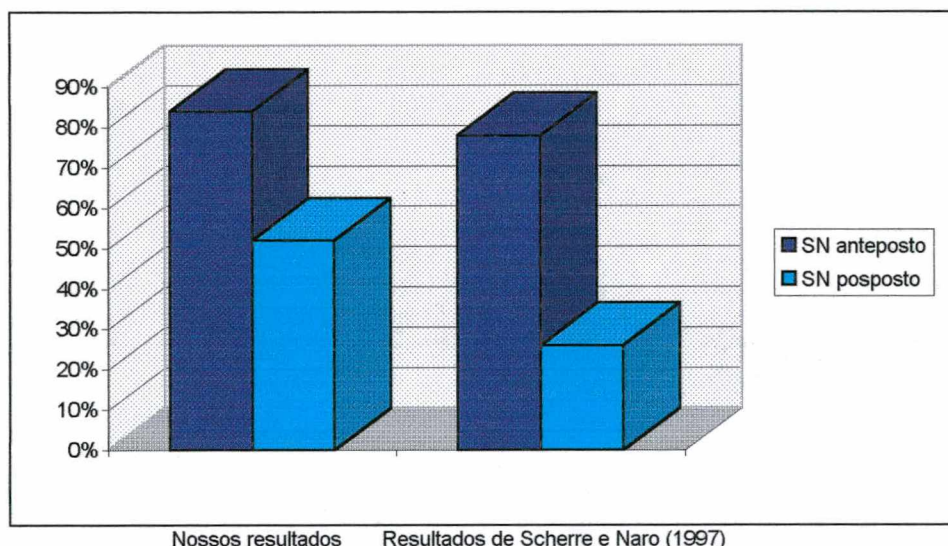
No gráfico abaixo, em que evidenciamos os resultados obtidos na nossa pesquisa e os de Scherre e Naro (1997), usamos percentuais ao invés de pesos relativos para que pudéssemos aproximar os fatores controlados. Reunimos os sujeitos antepostos controlados pelos autores em uma única categoria, ignorando o material que os separava; em seguida, somamos o total de dados de cada um dos três fatores e dividimos pelos dados que correspondiam à marcação da concordância, obtendo desta forma a frequência de marcas de plural nos verbos em uma única categoria: a de sujeito anteposto, e eliminamos, desta forma, os fatores sujeito zero e sujeito zero distante, já que não controlamos esse tipo de sujeito em nosso trabalho.

Podemos observar, através da gráfico 5, uma semelhança entre os resultados obtidos na nossa pesquisa e os de Scherre e Naro (1997), ficando evidente, em ambos os trabalhos, o favorecimento da marca de concordância nos verbos com sujeito anteposto (84% nos nossos resultados e 78% no estudo de Scherre e Naro), em oposição ao SN posposto que tendeu à marcação zero de plural nos verbos (52% em relação aos nossos resultados e 26% em relação aos de Scherre e Naro).

O trabalho de Scherre e Naro também evidencia que a proximidade (levando-se em conta o material situado entre o sujeito e o verbo) do sujeito favorece a marcação de plural nos verbos. Em nosso trabalho também

controlamos o material situado entre o SN e o verbo, no entanto, os resultados não se mostraram significativos, como discutimos no Capítulo IV, nem mesmo quando do cruzamento com a posição do sujeito em relação ao verbo.

GRÁFICO 5: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a frequência de concordância verbal, segundo o grupo de fatores posição do sujeito em relação ao verbo



1.3 Paralelismo formal

Em relação a este grupo de fatores, foi controlado no nosso estudo o paralelismo no nível clausal, considerando os seguintes fatores:

- presença da forma de plural explícita no último elemento;
- presença de numeral no último elemento;
- presença da forma zero de plural no último elemento.

No estudo de Scherre e Naro (1993) foram analisados 4 616 dados de 64 falantes que fazem parte do Banco de Dados do PEUL, considerando-se os seguintes fatores:

- presença da forma de plural explícita no último elemento não inserido em um sintagma preposicional (sprep);
- presença da forma de plural zero no último elemento não inserido em um sintagma preposicional (sprep);

- presença da forma de plural explícita no último elemento inserido em um sintagma preposicional (sprep);
- presença da forma de plural zero no último elemento inserido em um sintagma preposicional (sprep);
- presença de numeral no último elemento;
- presença de neutralização no último elemento.

Em relação ao paralelismo formal, os resultados de Scherre e Naro evidenciam que a probabilidade de concordância é favorecida quando há presença da forma de plural explícita no último elemento, estando ou não inserido em um sintagma preposicional (.61 e .56), bem como quando há presença de neutralização no último elemento (.58).

No nosso estudo, o grupo de fatores paralelismo formal foi constituído a partir dos resultados evidenciados por Scherre e Naro (1993), por isso, estes três fatores que, nos resultados dos autores, apresentam probabilidade de marcação de plural nos verbos, constituem apenas um: a presença da forma de plural explícita no último elemento, fator que mais favoreceu a marcação da concordância (.54).

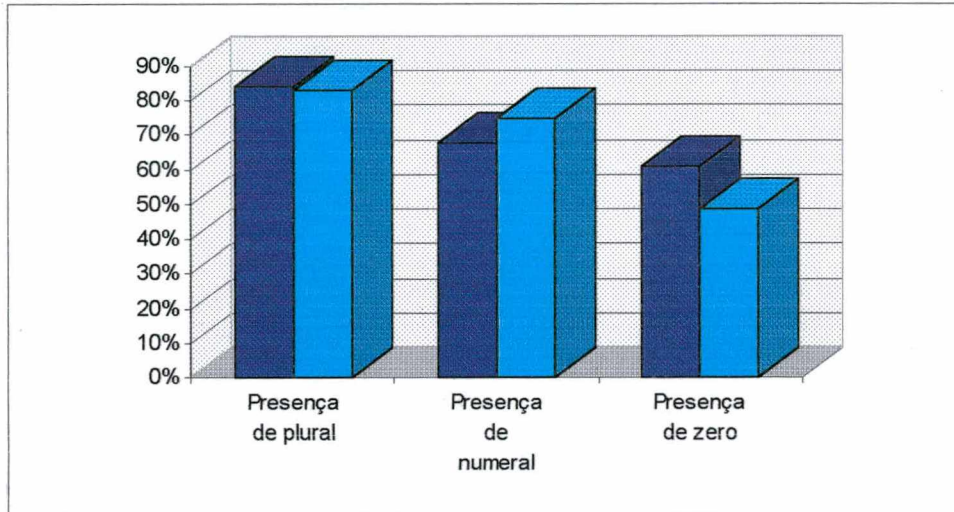
Os resultados de Scherre e Naro também apontam que a concordância é desfavorecida nos fatores em que há presença de zero no último elemento, estando ele inserido ou não em um sintagma preposicional (.24 e .17 de peso relativo).

Nos nossos resultados, em que não distinguimos a inserção ou não do último elemento em um sintagma preposicional em função dos resultados de Scherre e Naro (1993), também verificamos o desfavorecimento da concordância quando existia forma zero de plural no último elemento (.32).

Em relação ao fator presença de numeral no último elemento, a probabilidade de concordância, tanto no estudo de Scherre e Naro, quanto no nosso ocupa uma posição intermediária (.34 e .53).

No gráfico 6, a seguir, também optamos por usar percentuais já que alguns dos fatores que fazem parte da análise comparativa foram agrupados.

GRÁFICO 6: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1993), levando em conta a freqüência de concordância verbal, segundo o grupo de fatores paralelismo formal⁵



Os fatores presença da forma de plural explícita no último elemento não inserido em um sintagma preposicional, presença da forma de plural explícita no último elemento inserido em um sintagma preposicional e presença de neutralização no último elemento, controlados pelos autores, foram reunidos em uma única categoria: presença da forma de plural explícita no último elemento, ficando com um percentual de 83% de favorecimento da marcação da concordância, e no nosso trabalho com um percentual de 84%. Reunimos também, os fatores presença da forma de plural zero no último elemento não inserido em um sintagma preposicional e presença da forma de plural zero no último elemento inserido em um sintagma preposicional, na categoria presença da forma zero de plural no último elemento (49% no estudo de Scherre e Naro e 61% em nosso estudo). Em relação à presença de numeral no último elemento, nossos resultados, em termos percentuais, correspondem a 68% de aplicação da concordância, e nos resultados de Scherre e Naro correspondem a 75%.

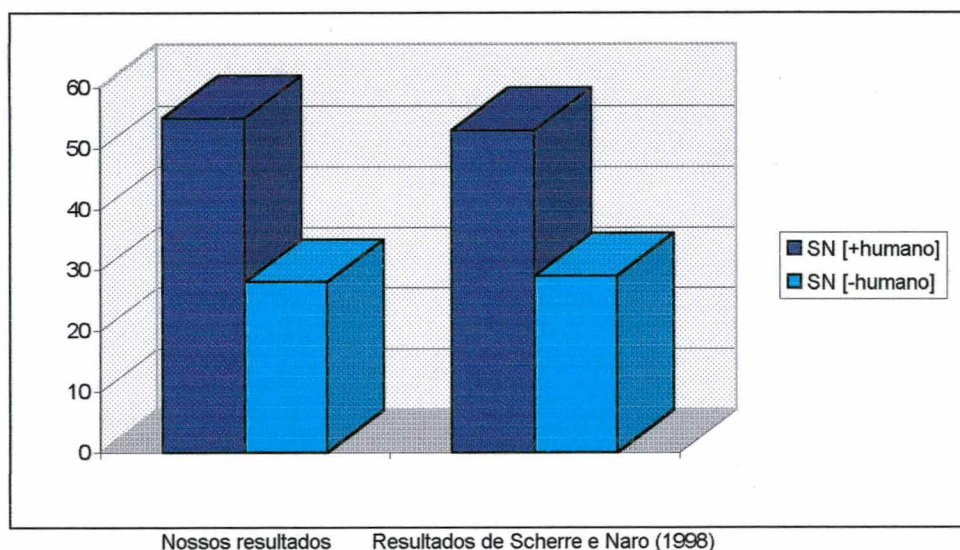
⁵ Nossos resultados estão ilustrados na cor azul escura e os de Scherre e Naro (1993) estão ilustrados na cor azul clara.

1.4 Traço humano no sujeito

No nosso estudo, controlamos para este grupo de fatores os traços do SN do tipo [+/- humano], assim como no trabalho de Scherre e Naro (1998). Os dados analisados pelos autores foram extraídos do *Corpus Censo* do PEUL.

Apresentamos a seguir o gráfico comparativo entre os resultados obtidos no nosso estudo e os de Scherre e Naro (1998).

GRÁFICO 7: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1998), levando em conta a probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores traço humano no sujeito



Verificamos, através do gráfico 7, que tanto nos nossos resultados quanto nos resultados de Scherre e Naro, o verbo com sujeito [+humano] tende a exibir marcas de concordância com maiores probabilidades (.55 e .53) do que verbos com sujeitos [-humanos] (.28 e .29).

2 Variáveis sociais

Para a análise comparativa entre nossos resultados e os de Scherre e Naro (1997), no que tange aos grupos de fatores sociais, consideraremos as variáveis: sexo, idade e escolaridade.

A amostra da nossa pesquisa, como retratada no Capítulo III, constitui-se de 24 informantes assim estratificados:

- sexo: 12 informantes do sexo feminino, 12 informantes do sexo masculino;
- idade: 08 informantes em cada uma das faixas etárias: J - 15 a 24 anos, A - 25 a 45 anos, B - 52 a 76 anos;
- escolaridade: 12 informantes com 4 anos de escolarização, 12 informantes com 11 anos de escolarização.

No estudo de Scherre e Naro os autores utilizaram uma amostra de 64 falantes estratificados em função do sexo, da idade e da escolaridade, assim subdivididos :

- sexo: 32 informantes do sexo masculino, 32 informantes do sexo feminino;
- idade: 16 informantes em cada uma das faixas etárias: 7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos, 50 a 71 anos;
- escolaridade: 16 informantes de 1 a 4 anos de escolarização, 16 informantes de 5 a 8 anos de escolarização, 16 informantes de 9 a 11 anos de escolarização.

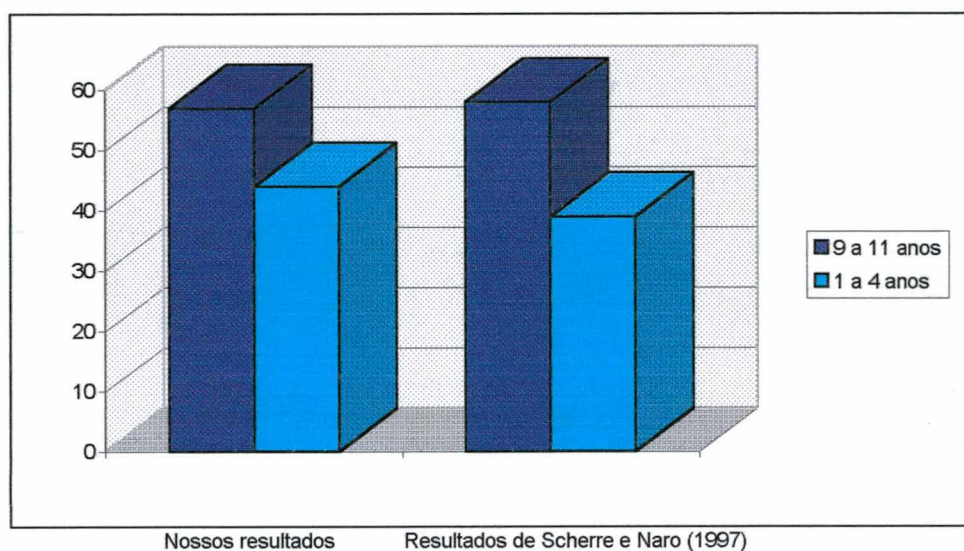
A seguir apresentamos um gráfico para cada uma das três variáveis sociais que fizeram parte da nossa análise e do estudo de Scherre e Naro (1997).

2.1 Escolaridade

Em relação à escolaridade, o que podemos observar, através da comparação entre os nossos resultados e os de Scherre e Naro, como aponta o gráfico 8, é que existe uma maior probabilidade de uso da concordância

entre os falantes com mais anos de escolarização (.57 e .58), com uma diferença mais acentuada entre os falantes de 1 a 4 anos de escolarização e de 9 a 11 anos na amostra de Scherre e Naro (.58 para .39) do que na nossa amostra (.57 para .44).

GRÁFICO 8: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a probabilidade de concordância verbal, segundo os grupos de fatores escolaridade

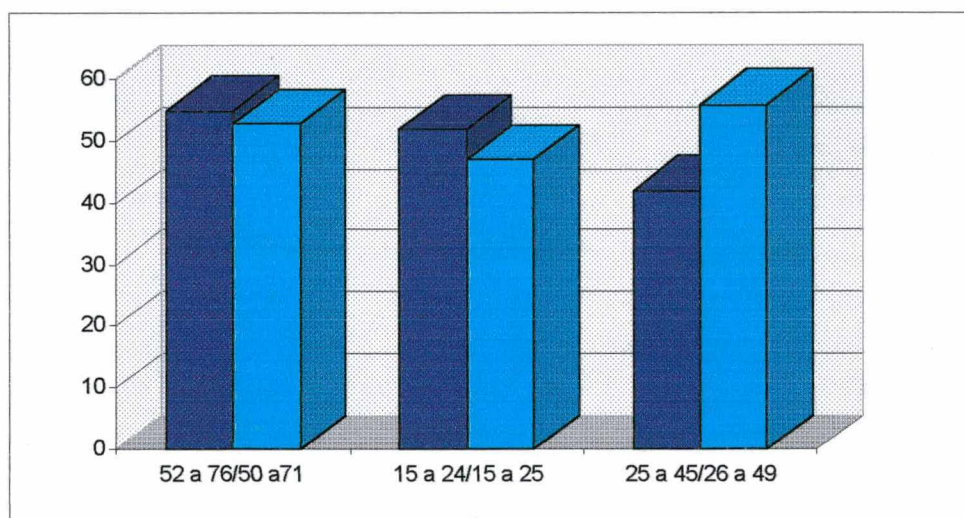


2.2 Idade

Em relação à variável idade percebemos nos resultados dos autores um favorecimento a marcas explícitas de plural nos verbos pelos falantes da faixa etária de 26 a 49 anos (.56), indicando, segundo Scherre e Naro (1997, p.107) “que as pessoas mais pressionadas pela idade profissionalmente produtiva usam também mais as formas de prestígio”. Os resultados de Scherre e Naro também indicam que os falantes mais velhos, faixa etária B, de 50 a 71 anos, tendem a preservar a concordância verbal (.53) e os mais jovens, faixa etária J, de 15 a 25 anos, apresentam menor taxa de preservação da concordância (.47).

Em relação aos nossos resultados, os falantes mais velhos (52 a 76 anos) também tenderam a preservar as marcas de concordância (.55) o que indica o fato de estas pessoas mostrarem-se mais conservadoras a mudanças em geral. Os falantes mais jovens (15 a 24 anos) que, no caso da nossa amostra, parecem pressionados pelo ambiente profissional, também tenderam à preservação da concordância (.52). Os falantes da faixa intermediária (25 a 45 anos) foram os que menos preservaram as marcas de concordância (.42).

GRÁFICO 9: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a probabilidade de concordância verbal, segundo os grupos de fatores idade⁶

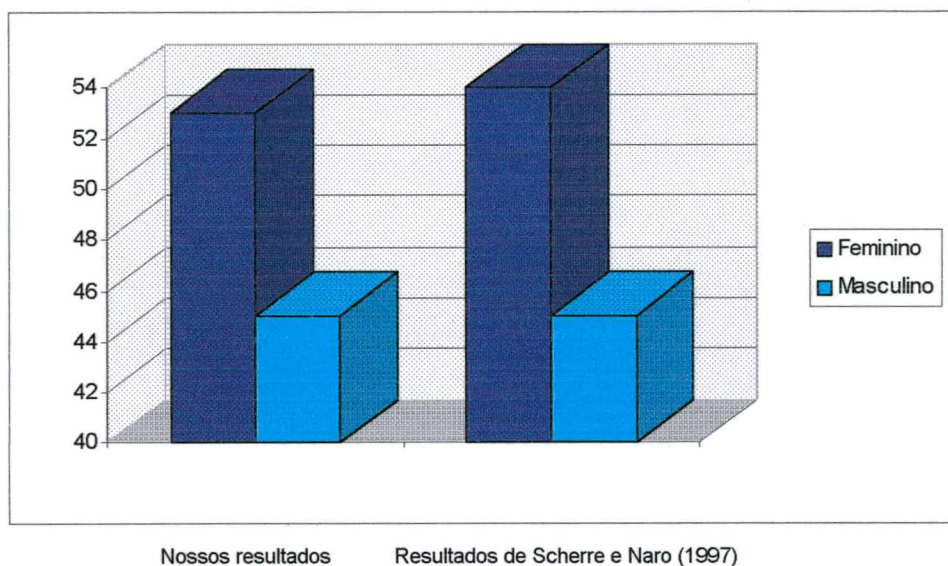


2.3 Sexo

Em relação ao grupo de fatores sexo, os resultados de Scherre e Naro, assim como os nossos, apontam para o fato de as mulheres tenderem ao uso da variante explícita de plural nos verbos, com .54 e .53 de peso relativo, respectivamente. Os resultados indicam que as mulheres são mais sensíveis às normas vigentes, inclusive às lingüísticas.

⁶ Nossos resultados estão representados pelas colunas mais escuras, enquanto os resultados de Scherre e Naro estão representados pelas mais claras.

GRÁFICO 10: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a probabilidade de concordância verbal, segundo os grupos de fatores sexo



Para finalizar, gostaríamos de salientar que esta análise comparativa nos pareceu produtiva no que diz respeito a alguns dos grupos fatores que se mostraram significativos, tanto no nosso estudo quanto nos trabalhos de Scherre e Naro, no controle da concordância verbal.

Acreditamos que o fato de, em ambos os estudos, a ordem da seleção das variáveis ser idêntica: saliência fônica, posição do sujeito em relação ao verbo, paralelismo formal e traço humano no sujeito, nos indica uma uniformidade nos condicionamentos do fenômeno em estudo.

Entretanto, alguns dos grupos de fatores que se mostraram significativos em nosso estudo, como tipo de verbo e tipo de sujeito, bem como a inter-relação entre os grupos posição, traço humano e tipo de verbo, que demonstrou grande influência no controle da concordância, como atestamos neste trabalho, não puderam ser comparados aos resultados dos autores por não terem sido controlados em suas pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, retomaremos os principais pontos discutidos neste trabalho evidenciando os resultados alcançados. Em seguida, indicaremos possíveis contribuições trazidas por esta pesquisa. Por fim, a partir dos nossos resultados apontaremos questões que poderão ser trabalhadas em próximos estudos.

Através desta pesquisa pudemos observar o perfil do comportamento lingüístico dos falantes florianopolitanos em relação à variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural.

Pautando-nos no aparato teórico fornecido pela sociolingüística paramétrica, e, ainda, em estudos que investigaram o fenômeno da concordância verbal, pudemos atestar muitas de nossas hipóteses, bem como alicerçar os resultados obtidos em nosso estudo.

Em relação aos nossos resultados, no grupo de fatores saliência fônica, constatamos uma forte tendência à preservação das marcas de concordância no nível 2, oposição acentuada. Este resultado justifica-se por estarem no nível 2 as formas mais salientes, mais perceptíveis, e, portanto, as mais marcadas. Constatamos também que o grupo de fatores escolaridade não se mostrou relevante na influência da nitidez da escala da saliência. Acreditamos que isto se deva ao fato de, na nossa amostra, os informantes de 4 anos de escolarização e de 11 anos ocuparem espaços semelhantes no mercado de trabalho, aproximando, desta forma, seus modos de falar.

Evidenciamos, através dos resultados obtidos no grupo de fatores posição do sujeito em relação ao verbo, que quando o SN ocupa a posição anterior ao verbo, posição prototípica do sujeito no PB (SN V), existe uma grande probabilidade de ocorrência de marcas de plural nos verbos. Já quando a posição ocupada pelo SN está à direita do verbo (V SN), a tendência à marcação zero de plural nos verbos aumenta significativamente, pois este SN, muitas vezes, é percebido pelos falantes como objeto e não como sujeito da sentença (cf. Pontes, 1989).

Uma explicação para a tendência à não-marcação da concordância com SNs pospostos vem de Belletti (1988), que propõe que o SN posposto a verbos inacusativos pode ser marcado com partitivo sempre que o objeto recebe uma leitura parcial ou indefinida, e, por isso, sugerimos que o verbo atribuidor deste Caso não precisa em PB apresentar marcas de concordância, já que a flexão não terá a função de atribuir Caso nominativo ao SN.

Em relação ao paralelismo formal, nossos resultados apontam para uma tendência ao uso de marcas de plural nos verbos quando existe presença da forma de plural explícita no último elemento e quando há presença de numeral no último elemento. O fator que mais favoreceu a marcação zero de plural nos verbos foi a presença da forma zero de plural no último elemento. Nossos resultados confirmaram o fato de marcas semelhantes ocorrerem juntas, o que acreditamos se justificar por uma ação mecânica por parte dos falantes.

Nossos resultados, para o grupo de fatores traço humano no sujeito, indicam que, quando o SN apresenta traços do tipo [+humano], existe uma probabilidade maior de marcas de concordância nos verbos do que quando apresenta traços [-humanos]. Esta tendência parece relacionar-se ao grupo de fatores tipo de verbo, pois, como sabemos, são os verbos que selecionam os argumentos que figuram nas sentenças, sejam eles mais ou menos humanos. Como os inacusativos selecionam argumentos [-humanos], e também tendem a apresentar SNs pospostos, parece estar aqui um ambiente favorecedor à marcação zero de plural nos verbos.

Os resultados, em relação ao grupo de fatores tipo de verbo, evidenciam maiores probabilidades de marcas zero de plural nos verbos inacusativos, como já era de se esperar, justamente pela relação entre inacusativos, SN posposto e traço [-humano] no sujeito. Os verbos do tipo cópula apresentaram forte tendência à marcação de plural nos verbos. Este resultado evidencia uma relação deste tipo de verbo com o grupo de fatores saliência fônica. A maior parte dos dados de verbos do tipo cópula apresentam marcas bastante salientes, talvez esteja aqui uma explicação para este

resultado. Os verbos transitivos e intransitivos ocupam uma posição intermediária no que diz respeito à marcação da concordância verbal.

Através dos resultados obtidos no grupo de fatores tipo de sujeito, verificamos que o SN do tipo pronome pessoal e pronome demonstrativo apresentaram maiores probabilidades de exibirem marcas explícitas de plural nos verbos. Em seguida, temos o SN + pronome relativo (que). O SN pleno simples + pleno nu, assim como o SN do tipo pronome quantificador + pronome indefinido e também o SN pleno composto apresentaram menores probabilidades de marcas de concordância nos verbos.

Encontramos justificativa para estes resultados na relação existente entre este e o grupo de fatores posição do sujeito em relação ao verbo. Os SNs do tipo pleno simples + pleno nu, pleno composto, quantificador + pronome indefinido apresentaram forte tendência à posição posposta ao verbo, posição esta, como vimos anteriormente, favorecedora da marcação da forma zero de plural nos verbos. Já os SNs do tipo pronome pessoal + pronome demonstrativo e SN + pronome relativo (que) tenderam a aparecer mais à esquerda do verbo, ambiente favorecedor para a marcação de plural nos verbos.

O grupo de fatores material interveniente não foi selecionado como significativo pelo Varbrul. Os resultados mostram que, na nossa amostra, o material interveniente parece não influenciar na marcação da concordância verbal.

Agora passamos aos grupos de fatores sociais. Dentre os controlados, a escolaridade e a idade mostraram-se os mais significativos estatisticamente.

Os resultados, em relação à escolaridade, apontam que os informantes de 11 anos de escolarização tendem a exibir mais marcas de plural na sua fala, em contraste aos falantes de 4 anos de escolarização. Estes resultados indicam que a escola, por privilegiar a norma lingüística que se utiliza na escrita, influencia a fala dos estudantes que internalizam estas formas consideradas 'padrão'.

Verificamos, nos resultados do grupo de fatores idade, que a variação na fala dos informantes que compõem nossa amostra se mostrou estável com os falantes mais velhos (52 a 76 anos) e os mais jovens (15 a 24 anos) apresentando tendência a exibir marcas de plural nos verbos, diferentemente dos falantes da faixa intermediária (25 a 45 anos) que apresentaram menos concordância na sua fala.

Relacionando o grupo de fatores idade com a escolarização observamos que os falantes da faixa intermediária de 4 ou 11 anos de escolarização apresentaram probabilidades de marcação da concordância verbal semelhantes, em contraste com os falantes mais velhos e mais jovens que se mostraram influenciados pela escolarização, indicando que estes informantes parecem sofrer uma certa pressão da escolaridade em relação à regra de concordância verbal.

O grupo de fatores sexo não foi selecionado como relevante, exceto quando relacionado ao grupo de fatores escolaridade. Com relação aos resultados, constatamos que as mulheres apresentaram maior tendência à marcação de plural nos verbos, o que se deve, provavelmente, ao fato de mostrarem-se mais atentas às variantes lingüísticas consideradas de prestígio. No cruzamento do sexo com a idade, verificamos uma tendência maior da taxa de preservação da concordância nas mulheres em todas as faixas etárias, distanciando-se à medida que a idade aumenta, o que indica que as mulheres quanto mais idosas mais conservadoras.

Por fim, em relação ao cruzamento do grupo sexo e escolaridade, verificamos que as mulheres apresentaram um maior distanciamento entre os resultados, indicando que "são mais sensíveis à escolarização".

Neste momento, indicaremos algumas das contribuições, trazidas por esta pesquisa, que julgamos relevantes. Assim como salientamos inicialmente, o fenômeno em estudo ainda não havia sido trabalhado com dados de falantes representativos da fala sulista, por isso, acreditamos estar contribuindo com o projeto de descrição do português falado na Região Sul. Outra possível

contribuição foi atestar que a inacusatividade é um dos ambientes favorecedores da não-marcação da concordância verbal.

Para finalizar, daremos ênfase a algumas questões que comportam um maior detalhamento, indicando, assim, rumos para próximos trabalhos. Para uma melhor explicação do fenômeno da concordância verbal no que se refere à restrição sintática, por exemplo, necessita-se de um aprofundamento na teoria de caráter formal em especial no que se refere à inacusatividade. Para verificar as relações existentes entre a língua falada e a língua escrita, sugerimos um alargamento da amostra para dados de língua escrita. Esse alargamento poderia abarcar dados diacrônicos, podendo-se, desta forma, verificar se existe mudança em tempo real no fenômeno da concordância verbal de terceira pessoa do plural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTIVOGLIO, Paola. A variação nos estudos sintáticos. **Estudos Lingüísticos XIV, Anais do Seminário do GEL**. Campinas: UNICAMP, 1987.
- BELLETTI, Adriana. The case of unaccusatives. **Linguistic Inquiry**. 19/1: 1-34, 1988.
- BERLINCK, Rosane. **A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia**. Campinas, 1988. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- _____. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica no fenômeno da ordem. In: TARALLO, Fernando (org.) **Fotografias Sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, p. 95-112, 1989.
- _____. **La position du sujet en Portugais: étude diachronique des variétés Brésilienne et Européenne**. Un Leuven / Campinas, 1995. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- BORGES NETO, José; MÜLLER, Ana Lúcia de Paula. Lingüistas ou Camaleões? Uma resposta a Tarallo. **D.E.L.T.A.**, 3(1):85-95, 1987.
- BURZIO, L. **Italian syntax : a government-binding approach**. Dordrecht: Reisel Publishing Company, 1986.
- CEDERGREN, Henrietta. **Sociolingüística**. En H. López Morales (ed.), 1983.
- CHOMSKY, Noam. **Lectures of Government and Binding**. Foris: Dordrecht, 1981.
- _____. **Knowledge of language : its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.
- _____. **Barriers**. Cambridge : MIT Press, 1986a.
- COELHO, Izete Lehmkuhl. **A posposição do sujeito em construções monoargumentais : uma restrição sintático-semântica**. Florianópolis, 2000. Tese de Doutorado, UFSC.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. (orgs.) **Português brasileiro : uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 107-128, 1993.

_____. **A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro**. Campinas, 1995. Tese de Doutorado, UNICAMP.

_____. A sociolinguística paramétrica: perspectivas. In: HORA, Dermeval da; CHRISTIANO, Elisabeth. (orgs.) **Estudos lingüísticos : realidade brasileira**. Paraíba : Idéia, p. 107-114, 1999.

DUARTE, Yara. A hipótese inacusativa e as evidências do português. **D.E.L.T.A.**, 9: 31-58, 1993.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. **A Posição Sujeito no Português Brasileiro**. Frases Finitas e Infinitivas. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

GALVES, Charlotte. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. (orgs.) **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, p.387-408, 1993.

_____. V-movement, levels of representation and the structure of S. **Letras de Hoje**. Porto Alegre : EDIPUCRS. v.29, n.2, p.20-35, 1994.

_____. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, (34):19-31, 1998.

GRACIOSA, Diva Maria Dias. **Concordância verbal na fala culta carioca**. Rio de Janeiro, 1991. Dissertação de Mestrado, UFRJ.

GUY, Gregory. **Linguistic variation in brazilian portuguese** : aspects of the phonology, syntax, and language history. Philadelphia, 1981. PhD Dissertation, University of Pennsylvania.

KATO, Mary. Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística. **Anais do Congresso Internacional sobre o Português**. Lisboa, 1994.

_____. Tendências atuais da lingüística gerativa. **Anais da ABRALIN** (18):101-130, 1996.

- _____. Os frutos de um projeto herético: parâmetros na variação intra-lingüística. In: HORA, Dermeval da; CHRISTIANO, Elisabeth. (orgs.) **Estudos lingüísticos : realidade brasileira**. Paraíba : Idéia, 1999.
- KATO, Mary; TARALLO, Fernando. **Restrictive VS syntatic in brazilian portuguese: visible subjects and invisible clitics**. Apresentado nos Departamentos de Lingüística da University of Pennsylvania e Georgetown University, 1987.
- KATO, Mary; NASCIMENTO, Milton do; NICOLAU, Eunice; *et al.* Padrões de predicação no português falado no Brasil. In: **Gramática do Português Falado**, vol. V, Campinas: Editora da UNICAMP, p.201-274, 1996.
- KNIES, Clarice; COSTA, Iara Bemquerer. **Manual do usuário**. Banco de Dados Varsul, 1995.
- KOOPMAN, Hilda; SPORTICHE, Dominique. The position of subjects. In: **Língua**, v.2 (85), p.211-258, 1991.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. **Where does the linguistic variable stop?** A response to Beatriz Lavandera. Working Papers in Sociolinguistics, number 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.
- _____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.
- LAVANDERA, Beatriz. **Where does the sociolinguistic variable stop?** In: **Language in Society**, Great Britain, 7:171-182, 1978.
- LEMLE, Miriam. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. **Tempo Brasileiro: lingüística e ensino do vernáculo**. (19):60-94, 1978.
- LEMLE, Miriam; NARO, Anthony Julius. **Competências básicas do português**. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e Fundação Ford, 1977.
- LIRA, Solange de Azambuja. **Subject postposition**. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, 2(1): 17-36, 1986.

LOREGIAN, Loremi. **Concordância com o pronome tu na fala do sul do Brasil**. Florianópolis, 1996. Dissertação de Mestrado, UFSC.

MIOTO, Carlos. Lingüística e ensino da gramática. In: **Anais do Seminário de Lingüística e Ensino de Língua Portuguesa**. Porto Alegre : EDIPUCRS, p.7-17, 1994.

MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcellos. **Manual de sintaxe**. Florianópolis : Insular, 1999.

MOLLICA, Maria Cecília. (org.) **Introdução à sociolingüística variacionista**. Cadernos didáticos da UFRJ: Rio de Janeiro, 1992.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntatic change. **Language**, 57 (1): 63-98, 1981.

_____. Idade. In: MOLLICA, Maria Cecília. (org.) **Introdução à sociolingüística variacionista**. Cadernos Didáticos da UFRJ: Rio de Janeiro, Unidade 9, p.81-88, 1992.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação e mudança lingüística : fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, (20):9-16, 1991.

_____. Disfluencies in the analysis of speech data. **Language variation and change**. 8 (1996): 1-12. Cambridge: University Press, 1994.

_____. **The subject/verb relationship: the marking effect of the relativizing particle**. Comunicação apresentada no 24 New Ways of Analyzing Variation (NWAVE). University of Pennsylvania: Philadelphia, 1995.

_____. Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, D. (org.) **Os múltiplos usos da língua**. Maceió: EDUFAL (p.26-37), 1999.

_____. Concordância variável em Português : a situação no Brasil e em Portugal. *Cd rom* **II Congresso da Abralín, XIV Instituto Lingüístico**, 2000.

_____. Influência de variáveis escalares na concordância verbal. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana**. Feira de Santana: Idéia. No prelo.

- NASCIMENTO, Sílvia Helena Lovato do. **Varição na concordância verbal em construções inacusativas do português brasileiro**. Florianópolis, 1999. Trabalho apresentado como exame de qualificação no Curso de Doutorado em Lingüística, UFSC.
- NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. 13. ed. São Paulo: Scipione, 1994.
- OLIVEIRA E SILVA, Gisele Machline; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (orgs.) **Padrões sociolingüísticos** - análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- OLIVEIRA, Marco Antônio. **Varição lingüística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical**. *D.E.L.T.A.*, 3(1):19-34, 1987.
- PAIVA, Maria da Conceição; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL**. *D.E.L.T.A.*, 15(especial):201-232, 1999.
- PERLMUTTER, David. **Evidence for subject downgrading in Portuguese**. In: **Readings in portugueses linguistics**. Edited by Jürgen Schmidt-Radefeldt, Kiel University, 1976.
- PINTZUK, Susan. **Varbrul Program**, Philadelphia : University of Pennsylvania. *Mimeo*, 1988.
- POLLOCK, Jean-Yves. **Verb movement, universal grammar, and the structure of IP**. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 3, p.365-424, 1989.
- PONTES, Eunice Souza Lima. **Sujeito: da sintaxe ao discurso**. São Paulo : Ática, 1986.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado da Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.
- RAMOS, Jânia. "Sociolingüística paramétrica" ou "variação paramétrica"? In: **Estudos lingüísticos : realidade brasileira**. Paraíba : Idéia, 1999.
- RAPOSO, Eduardo Paiva. **Teoria da gramática. A faculdade da linguagem**. Lisboa: Editorial Caminho, 1982.

RIZZI, Luigi. The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar. **10th Advanced Course "Language and Cognition" Fondation Archives Jean Piaget**. Geneva, 1988.

ROBERTS, Ian. **Verbs and diachronic syntax**. Dordrecht, Foris, 1993.

RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. **A concordância verbal no português popular em São Paulo**. São Paulo, 1987. Dissertação de Mestrado, PUC-SP.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **A concordância de número na escrita padrão**. (inédito), 1995.

_____. Paralelismo lingüístico. **Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG. 7(2): 29-59 jul/dez de 1998.

_____. Preconceito lingüístico: doa-se lindos filhotes de poodle. In: HORA, Dermeval da; CHRISTIANO, Elisabeth. (orgs.) **Estudos lingüísticos: realidade brasileira**. Paraíba: Idéia, 1999.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Marking in discourse: birds of a feather. **Language variation and change**. 3(1): 23-32 New York: Cambridge University Press, 1991.

_____. The serial effect on internal and external variables. **Language variation and change**, 4(2): 1-13. New York: Cambridge University Press, 1992.

_____. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. **D.E.L.T.A.**, 9(1): 1-14, 1993.

_____. **Concordance markers: the left is in control**. Comunicação apresentada no 24 *New Ways of Analyzing Variation (NWAVE)*. University of Pennsylvania: Philadelphia, 1995.

_____. **On the roles of the feature [+/-] human in variable concordance**. Comunicação apresentada no 25 *New Ways of Analyzing Variation (NWAVE)*. University of Nevada: Las Vegas, 1995.

_____. A concordância de número no Português do Brasil: um caso de variação inerente. In: HORA, Dermeval. (org.) **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997.

- _____. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. **Fórum Lingüístico** : Pós-Graduação em Lingüística, UFSC. Florianópolis : 1 (45-71) , 1998.
- _____. **A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito simples.** Comunicação apresentada no Internationales Kolloquium / Projetos de investigação lingüística sobre o português do Brasil. No prelo.
- SILVA-CORVALÁN, C. Variação sintático-semântica. **Sociolingüística: Teoria y análisis.** Madrid: Alhambra, 1988.
- TARALLO, Fernando. Zelig: um camaleão-lingüista. **D.E.L.T.A.**, 2(1): 127-144, 1986.
- _____. Por uma sociolingüística românica 'paramétrica' : fonologia e sintaxe. In: **Ensaio Lingüísticos.** 13: 51-83, 1987.
- _____. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. (orgs.) **Português brasileiro: uma viagem diacrônica.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- _____. **A pesquisa sociolingüística.** São Paulo : Ática, 1994.
- TARALLO, Fernando; KATO, Mary. Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística. In: **Preedição**, 5:1-41. Campinas: UNICAMP, 1989.
- VAZZATA-DIAS, Juçá Fialho. A concordância de número nos predicativos/participios passivos na fala do Sul do Brasil - motivações extralingüísticas. **Letras de Hoje.** Porto Alegre: EDIPUCRS. v.35, n.1, p.209-228, março de 2000.
- VIEIRA, Sílvia Rodrigues. A não-concordância em dialetos populares: uma regra variável. **Revista da Pós-Graduação em Letras, UFPB**, 1997.
- VOTRE, Sebastião Josué. Escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília. (org.) **Introdução à sociolingüística variacionista.** Cadernos Didáticos da UFRJ: Rio de Janeiro, Unidade 9, p.75-79, 1992.
- WEINER, Judith; LABOV, William. **Constraints on the agentless passive.** In: *Journal of Linguistics* 19(1), 1983.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Empirical foundations for a theory in language change**. In: W. Lehman e Y. Malkiel (eds.) *Directions for Historical Linguistics*, Austin, University of Texas Press (97-195), 1968.

ZILLES, Ana Maria Stahl. A posposição do sujeito ao verbo no português falado no Rio Grande do Sul. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: EDIPUCRS. v.35, n.1, p.75-96, março de 2000.

ANEXOS

ANEXO 1

TABELA 21: Ocupação no mercado de trabalho dos informantes com 4 anos de escolarização

Número da entrevista	Codificação do informante ¹	Ocupação no mercado de trabalho
01	FAP	auxiliar de escritório
02	MAP	funcionário público
03	FAP	cozinheira
04	MAP	comerciante
05	MBP	motorista
06	MBP	marinheiro
07	FBP	cozinheira
08	FBP	do lar
03	FJP	desempregada
05	FJP	estudante
10	MJP	estudante
13	MJP	funcionário de uma empresa de vigilância

TABELA 22: Ocupação no mercado de trabalho dos informantes com 4 anos de escolarização

Número da entrevista	Codificação do informante	Ocupação no mercado de trabalho
17	FAC	professora primária
18	MAC	funcionário público
19	MAC	bombeiro
20	FAC	funcionária pública
21	MBC	vereador
22	FBC	comerciante
23	MBC	funcionário de uma empresa de engenharia
24	FBC	do lar
01	MJC	funcionário de uma empresa de artes gráficas
04	FJC	gerente de salão de beleza
15	MJC	desempregado
16	FJC	estudante

¹ A codificação do informante refere-se ao sexo (F: feminino, M: masculino), à idade (J: 15 a 24 anos, A: 25 a 45 anos, B: 52 a 76 anos) e à escolaridade (P: 4 anos de escolarização, C: 11 anos de escolarização).

ANEXO 2

TABELA 23: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores saliência fônica

NOSSOS RESULTADOS			SCHERRE E NARO (1997)	
NÍVEL 1	APLICAÇÃO/ TOTAL=%	PESO RELATIVO	APLICAÇÃO/ TOTAL=%	PESO RELATIVO
1a	25/101 = 25%	.02	202/463 = 44%	.16
1b	638/802 = 80%	.46	1159/1766 = 66%	.37
1c	68/103 = 66%	.13	188/267 = 70%	.38
NÍVEL 2	APLICAÇÃO/ TOTAL=%	PESO RELATIVO	APLICAÇÃO/ TOTAL=%	PESO RELATIVO
2a	125/130 = 96%	.88	585/718 = 81%	.64
2b	85/102 = 83%	.65	212/260 = 82%	.66
2c	310/345 = 90%	.75	1023/1158 = 88%	.75
TOTAL	1251/1583 = 79%		3369/4632 = 73%	

TABELA 24: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a freqüência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores saliência fônica e escolaridade (com informantes de 1 a 4 anos de escolarização)

NOSSOS RESULTADOS			SCHERRE E NARO (1997)	
NÍVEL 1	APLICAÇÃO/ TOTAL=%	PESO RELATIVO	APLICAÇÃO/ TOTAL=%	PESO RELATIVO
1a	14/49 = 29%	.04	58/192 = 30%	.15
1b	335/439 = 76%	.42	393/725 = 54%	.36
1c	35/56 = 63%	.14	64/110 = 58%	.40
NÍVEL 2	APLICAÇÃO/ TOTAL=%	PESO RELATIVO	APLICAÇÃO/ TOTAL=%	PESO RELATIVO
2a	66/70 = 94%	.90	161/227 = 71%	.64
2b	46/52 = 88%	.77	63/81 = 78%	.68
2c	163/184 = 89%	.73	386/452 = 85%	.80
TOTAL	659/850 = 78%		1125/1787 = 63%	

TABELA 25: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o cruzamento entre o grupo de fatores saliência fônica e escolaridade (com informantes de 9 a 11 anos de escolarização)

NOSSOS RESULTADOS			SCHERRE E NARO (1997)	
NÍVEL 1	APLICAÇÃO/ TOTAL=%	PESO RELATIVO	APLICAÇÃO/ TOTAL=%	PESO RELATIVO
1a	11/52 = 21%	.01	67/129 = 52%	.13
1b	303/363 = 83%	.49	300/389 = 77%	.39
1c	33/47 = 70%	.12	55/67 = 82%	.36
NÍVEL 2	APLICAÇÃO/ TOTAL=%	PESO RELATIVO	APLICAÇÃO/ TOTAL=%	PESO RELATIVO
2a	59/60 = 98%	.91	188/201 = 94%	.77
2b	39/50 = 78%	.53	41/47 = 87%	.67
2c	146/161 = 91%	.76	235/260 = 90%	.67
TOTAL	591/733 = 81%		886/1093 = 81%	

TABELA 26: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores posição do sujeito em relação ao verbo

NOSSOS RESULTADOS			SCHERRE E NARO (1997)		
FATORES	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO	FATORES	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO
SN anteposto	1119/1328 = 84%	.58	Sujeito imediatamente à esquerda do verbo	1529/1857 = 82%	.62
			Sujeito à esquerda do verbo separado por 1 a 4 sílabas	756/1025 = 74%	.55
			Sujeito à esquerda do verbo separado por 5 ou mais sílabas	83/135 = 61%	.39
SN posposto	132/255 = 52%	.17	Sujeito à direita do verbo	50/194 = 26%	.08
			Sujeito zero próximo	731/1166 = 63%	.35
			Sujeito zero distante	220/255 = 86%	.63
TOTAL	1251/1583 = 79%		TOTAL	3369/4632 = 73%	

TABELA 27: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1993), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores paralelismo formal

NOSSOS RESULTADOS			SCHERRE E NARO (1993)		
FATORES	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO	FATORES	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO
Presença da forma de plural explícita no último elemento	1021/1216 = 84%	.54	Presença de -s no último elemento não sprep	1755/2134 = 82%	.56
			Presença de -s no último elemento do sprep	10/12 = 83%	.61
			Presença de neutralização no último elemento	366/423 = 87%	.58
Presença de numeral no último elemento	52/76 = 68%	.53	Presença de numeral no último elemento	45/60 = 75%	.34
Presença da forma zero de plural no último elemento	178/291 = 61%	.32	Presença de zero no último elemento não sprep	156/322 = 48%	.17
			Presença de zero no último elemento do sprep	26/48 = 54%	.24
TOTAL	1251 / 1583 = 79%			2358/2999 = 79%	

TABELA 28: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1998), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores traço humano no sujeito

NOSSOS RESULTADOS			SCHERRE E NARO (1998)	
TRAÇO HUMANO NO SUJEITO	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO
SN [+humano]	1082/1290 = 84%	.55	3017/3981 = 76%	.53
SN [-humano]	169/293 = 58%	.28	264/505 = 52%	.29
TOTAL	1251/1583 = 79%			

TABELA 29: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores escolaridade

NOSSOS RESULTADOS			SCHERRE E NARO (1997)		
FATORES	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO	NÍVEIS DE ESCOLARIDADE	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO
11 anos	591/733 = 81%	.57	9 a 11 anos	886/1093 = 81%	.58
			5 a 8 anos	1358/1752 = 78%	.56
4 anos	660/850 = 78%	.44	1 a 4 anos	1125/1787 = 63%	.39
TOTAL	1251/1583 = 79%		TOTAL	3369/4632=73%	

TABELA 30: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores idade

NOSSOS RESULTADOS			SCHERRE E NARO (1997)		
IDADE	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO	NÍVEIS DE ESCOLARIDADE	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO
52 a 76 anos	443/548 = 81%	.55	50 a 71 anos	895/1277 = 70%	.53
15 a 24 anos	446/553 = 81%	.52	15 a 25 anos	862/1218 = 71%	.47
25 a 45 anos	362/482 = 75%	.42	26 a 49 anos	1025/1283 = 80%	.56
			7 a 14 anos	587/854 = 69%	.41
TOTAL	1251/1583 = 79%		TOTAL	3369/4632=73%	

TABELA 31: Análise comparativa entre nossos resultados e os resultados de Scherre e Naro (1997), levando em conta a frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores sexo

NOSSOS RESULTADOS			SCHERRE E NARO (1997)		
SEXO	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO	NÍVEIS DE ESCOLARIDADE	APLICAÇÃO/ TOTAL = %	PESO RELATIVO
Feminino	736/905 = 81%		Feminino	2003/2601 = 77%	.54
Masculino	515/678 = 76%		Masculino	1366/2031 = 67%	.45
TOTAL	1251/1583 = 79%		TOTAL	3369/4632=73%	